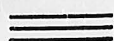


ABRIL

Abrii de 1916



Revista 
 *Feminina*

ANNO III

N.º 23

...



ENFERMOS DESENGANADOS

O FARADOR é a mais grandiosa descoberta da ciência. É um instrumento científico e moderno, recomendado pelas eminências médicas mundiais. Com o FARADOR, V. S. cura-se em casa, na forma mais privada, econômica, sem ter de tomar remédios ou submeter-se a tratamento doloridos. A forma de aplicação é muito simples, não dá incommodos, é a natureza mesmo, valendo-se de seus próprios meios. Não importa que classe de enfermidade seja, sua antiguidade ou que haja resistido a outros tratamentos. O FARADOR cura por oxigenação do sangue e devolve a saúde a saúde da forma mais simples, rápida, comoda e segura. Qualquer pessoa que relutante e estude com imparcialidade os valiosos serviços prestados pelo FARADOR, terá de confessar que o valor do aparelho é o mais prudente emprego de capital, significando protecção absoluta às famílias.

Para mais informações e detalhes, com a "THE BRASILIAN FARADOR & COMP." Rua Santa Epifania 63 -- Caixa, 324 -- S. PAULO No RIO DE JANEIRO Avenida Rio Branco N. 155 (segundo andar)

Pianos, Phonollas,
Harmoniums e
Auto-Pianos

A CASA DE PIANOS

José Lucchesi

Rua José Bonifácio, 28-B

TELEPHONE N. 5437

S. PAULO

Recebeu um grande e variado sortimento e para preços de crise.

Officinas para réformas e concertos de Pianos, Auto-Pianos, Phonollas, Harmoniums, etc. no que é especialista, sendo os serviços garantido.

AFINA PIANOS

AUTO-GERAL



CASSIO PRADO

Accessorios para Automoveis

PNEUMATICOS,
LUBRIFICANTES
GAZOLINA

Telephone, 3706 -- Caixa, 284
Rua Barão de Itapetininga 17

SÃO PAULO



USEM SÓ
Pneumatico

DUNLOP

THE DUNLOP PNEUMATIC TYRE CO. LTD.

RUJA GENERAL CAMARÁ, 31 -- RIO DE JANEIRO

NELSON, BECHARA & CIA.

RUA FLORENCIO DE ABREU N. 65-67

CAIXA, 839 - SÃO PAULO - TELEPHONE, 2423

ANNO III

SÃO PAULO, ABRIL DE 1916

NUM. 23

PROPRIEDADE
DA EMPRESA
FEMININA
BRASILEIRA

Preço para venda avulsa:
600 réis

Revista Feminina

DIRECTORA:

VIRGILINA DE
SOUZA SALLES

REDACÇÃO:

ALAMEDA GLETT, 87

ASSIG. ANNUAL PARATODO O
BRASIL 7000
TELEPHONE NO. 5004

ABRIL



U tinha entrado pouco antes. Sentara-me ao lado da minha boa Constancia, cujos cabelos, como os meus, começavam a embranquecer. Constancia bordava a oiro, uma capa azul, para Nossa Senhora. Conversamos sobre as nossas devoções; ella, um pouco mais devota que eu; ambas porém, devotas da Engracinha, que eu já prohibi você de falar com ella e para...

— Quem é que disse para a senhora que eu ando com ella? Com certeza foi aquella semvergonhinha da Thereza... Eu nunca mais falei com a Engracinha, desde o anno passado. A senhora não acredite naquella Thereza; ella vive me intrigando.

— Não foi a Thereza.

— Foi, sim, senhora, eu sei. Domingo ainda, na missa de S. Bento, me disseram que a Thereza era uma gigolette...

— Era o que, minha filha!

— Uma gigolette, mamãe. E' mulher de apache.

— Minha filha quem é que te disse tal barbaridade.

— Foi a Engracinha...

— E você disse que ha um anno que não falla... com a Engracinha!

— A senhora atrapalha a gente; não deixa a gente fallar. A Engracinha disse á Cotinha e a Cotinha me contou, quando nós sahiamos da missa...

— Como você está mentirosa, menina. A Cotinha não está ali; já ha quinze dias que está na fazenda do avô.

— Mas que Cotinha que a senhora está fallando?

— A Cotinha Miranda, você não conhece outra.

— E' o que a senhora pensa. Quem me disse foi outra Cotinha; uma menina que eu conheci no Collegio; filha de um coronel do Amazonas.

— Será filha talvez daquelle coronel do Amazonas, que matou um homem no cinema.

— Menina, você veja com quem está fallando!

— E' que a senhora está repetindo... é filha de um homem... filha de um homem... Um homem com outro homem, são dois homens!

— E' filha de um homem que não tem vergonha, está ali!

— Ah...

— Todo o mundo sabe disso no bairro; só você anda com os olhos fechados e porque lhe convém.

— Eu só tenho quinze annos.

— Para isso você sabe que só tem quinze annos; para andar com a Engracinha, que eu já prohibi você de falar com ella e para...

— Não foi a Thereza.

— Foi, sim, senhora, eu sei. Domingo ainda, na missa de S. Bento, me disseram que a Thereza era uma gigolette...

— Era o que, minha filha!

— Uma gigolette, mamãe. E' mulher de apache.

— Minha filha quem é que te disse tal barbaridade.

— Foi a Engracinha...

— E você disse que ha um anno que não falla... com a Engracinha!

— A senhora atrapalha a gente; não deixa a gente fallar. A Engracinha disse á Cotinha e a Cotinha me contou, quando nós sahiamos da missa...

— Como você está mentirosa, menina. A Cotinha não está ali; já ha quinze dias que está na fazenda do avô.

— Mas que Cotinha que a senhora está fallando?

— A Cotinha Miranda, você não conhece outra.

— E' o que a senhora pensa. Quem me disse foi outra Cotinha; uma menina que eu conheci no Collegio; filha de um coronel do Amazonas.

— Será filha talvez daquelle coronel do Amazonas, que matou um homem no cinema.

— E' isso mesmo.

— Oh, minha filha! mas então não é possível. Logo que o pai foi absolvido, foi promovido a general e seguiu com a filha para o Pará. Você está mentindo e é muito feio mentir...

— Pois então, foi a Engracinha mesmo! Eu não posso prohibir ninguém de fallar commigo; mas a senhora deixe por minha conta, que a primeira vez que eu encontrar com aquella semvergonhinha da Thereza, ha de ser ali, na piririca.

— O que é isso, minha filha!

— Eu não gosto de encrenca commigo, mamãe. Si pensam que eu sou daquellas bobinhas de antigamente, que ficavam espiando atraz das rotulas, estão enganadas. Armo um frêge, que acabo com as fitas de Thereza.

— Minha filha!

— Não, senhora, commigo não vae. E' como diziam lá no collegio, quando a noite mere não estava perto: si sápo quer agua, que vá beber na lagoa.

— Minha filha, você nunca mais me repita ess' coisas! Isso são modos de uma menina de familia, fallar.

— Ora mamãe, para que esse chiquet. As meninas todas fallam assim; é porque a senhora não conversa com ellas. São todas asinadas.

— Mas quem é que ensinou a você essa serie de barbaridades? Não foram naturalmente as boas irmans.

— Só a senhora é que diz que são barbaridades; lá no collegio todas as meninas fallam assim. Tinha uma, que era engraçada, mamãe! A senhora nem imagina. O pae della diz que tem um club de jogo. Ella sabe cada coisa!

— Por exemplo...

— Foi ella que espalhou no collegio o que queria dizer «bilhete de beneficio».

— O que, minha filha?

— Bilhete de beneficio, mamãe. A senhora não sabe o que é? Eu tambem não sabia! E' o moço que nenhuma moça quer. Ah... ah... ah... Ella é engraçada para fallar! Ah... ah... ah... Uma vez para contar que ella tinha dado um fora no primo, disse assim: «barrei aquelle pé

1913

frio na vermelhinha! E com esta ultima tirada sahio Amelinha, como havia entrado, agill, perfumosa, sussurrante, como uma brisa de abril.

A sorrir perguntei a Constança:

— E agora?

— Não vai mais para o collegio;

vou tomar uma professora ingleza.

Levantei-me para sair; eram já dez horas da noite. Uma senhora

edosa entrou, sem ser annunciada e

não deu tempo a apresentações, porque entrou, a exclamar:

— Imagine você, Constança, o meu desespero! A Pimpinha sahio com a miss hoje, de manha, para um garden-party, uma festa ingleza, que não sei bem o que é — e até agora!... Andar numa moça até estas horas, sózinha, numa festa! Isto pôde ser moda na Inglaterra, mas aqui não está direito. Ah, eu despacho a ingleza.

— E o que vaes fazer! Também

o collegio... disse Constança e continuou, voltando-se para mim: Você o que pensa?

— Penso que a melhor estufa para flores são delicadas, ainda é aquella em que fomos creadas, junto ás nossas mães, quando ainda não havia nem mademoiselles, nem miss, nem frauleins, nem collegios... Fallava-se então portuguez e rezava-se o terço ás oito horas!

Anna Rita Malheiros.

ORECITATIVO

(CONTO CEARENSE)

Não serena, poetisa e magestosa!

Espolia a natureza inteira o pó de arroz finissimo de um luar encantador.

Olhos não tinha para apreciar tanta beleza o continuo enxame de moças e rapazes que, apressados, se dirigiam para o sereno de uma festa de arromba, que havia em uma rua da nossa capital.

Ere em casa do capitalista Pantaleão Geopropia, que festejava o anniversario de sua filha Miloca, que nesse dia completava 14 chibitantes primaveras.

Lá estava reunido o que a sociedade cearense tem de mais distincto e selecto: o bello sexo em toda a sua pompa, cortado pelos seus marnanjos familiares.

Nessa noite a Miloca provou mais uma vez ser uma das moças mais formosas d'esta cidade pois estava primorosamente vestida numa *sultane* de rosa, tallada pelo ultimo figurino.

Fô amavel e fô desembaraçada como uma filha da Norte-America, prendia a attenção de todos, principalmente do «sereno» que dizia ser tudo aquillo devido á presença de seu antigo namorado, um lancharelote toupeira, promotor em uma cidade do interior e que viera a esta Capital, tão somente para participar das justas alegrias do lar do velho e honrado capitalista.

De facto, o gajo lá estava cosido a uma cadeira, perto do piano: era o Gonçalo, formado pela academia de direito d'este Estado — e que de vez em quando, lançava para Miloca uns olhares supplicantes e cubitosos.

O salão, illuminado a *giere*, estava litteralmente cheio de convidados, que difficilmente podiam respirar; e o «sereno» regoziziava de gente bilibiteira e tagarela, n'um sussurro proprio de portão de feira.

Antes de começarem as danças, que se prolongaram até alta madrugada, palestrava-se familiarmente no salão, ouvindo-se, de momento a momento, trechos musicas de autores celebres, executados ao piano pela gentil anniverisante.

Ao terminar os ultimos accordes de uma conhecida composição de Chopin, no meio de uma trovada de palmas, a Miloca rodou graciosamente na cadeira do piano e disse para os ouvintes:

— Senhores, creio que é preciso agora recorreremos ás Musas para não se tornar esta festinha tão indigesta.

E, levantando-se, disse delectadamente ao lancharel Gonçalo:

— Dr., por obsequio queira recitar alguma coisa.

— É verdade, Dr.! applaudiu quasi o salão inteiro. Vamos lá, poeta! O pobre moço desfez-se em mil desculpas equipando-se modestamente, a collar os olhos de bichito louro, resmungando que não sabia recitar; não tinha voz, e mesmo estava constipado...

E pôz-se a lagartizar com a encheia, temperando a aquella, numa tosse fingida de fôseo incipiente.

— Ora, deixe-se disso, Dr.! retrocedeu a Miloca, gentilmente levando-o pelo braço até ao piano, e gorgenchando em segredos: — Não se acanhe, sei que o senhor recita admiravelmente. Deixe-se de modestias! Primeiro aquella poesia que o senhor recitou ha tempos na casa da tia Genevieve, nos annos da priminha Chiquitita. Lembra-se?

— Uma poesia tão triste, dona Miloca: com um sorriso apavorado, fez o Gonçalo

— Mas é bonita. Eu goste tanto d'ella! Vamos. Faça-me este favor.

— Pois bem; para satisfazer a senhora, eu vou recitar. E tomando uma attitudão serena, de poeta da edade média, passava demoradamente o olhar pelo auditorio, procurando encanear as idéas.

— Attenção, meus senhores! disse o capitalista, martelando palmas para os presentes. Sempre o nosso homem resolveu recitar. Nada como as mulheres para fazerem um rapaz virar a bôla.

Mas a Miloca nem dava attenção ao paupondo-se logo a dedilhar a musica do acompanhamento.

O nosso herói, então, começou, alto, voz retumbante, ensaiando minutas desengonçadas, a registrar, esquecido, este primeiro verso:

«Vae alta a lua! Na mansão da morte!»

— Cala a bocca, bruto! gritou uma voz forte lá do «sereno».

Houve uma agitação de risos reprimidos pelo salão inteiro: o capitalista arrebatou a sua obesidade até á varanda olhando para fora, de sobrecoelho carregado; restabelecendo-se, porém, a ordem, voltou a occupar a vasta poltrona em que se acanhava.

— Vamos! não se atrapalhe! segredou-lhe a moça, brincando os roseos dedinhos pelo tecido.

— Que memoria desgraçada! falou o misero, para o auditorio. É a primeira vez que me acontece isto!

Ouvindo ainda algumas risadinhas inconscientes, começou, nervoso, agitado, a enxugar o suor frio que lhe escorria pela fronte... De repente, exclamou:

— Ah! lembrei-me agora!

E principiou novamente:

«Vae alta a lua! Na mansão da morte,

«já mea noite com vagar souo...»

— Bonitinho! Sublime! gritou a mesma voz lá do «sereno».

E o desgraçado, apparentando calma, pôz-se a repetir:

«já mea noite com vagar souo...»

Nisto a mulher do capitalista, a repórterinha D. Leonidia, vindo lá do «bater» — sem saber do que se tratava, disse naturalmente para o Gonçalo:

— Qual é quê, Dr.! É cêdo ainda? Sentese por favor. Deixa agora mesmo o livro!

Aí sim é que foram as gargalhadas. Os propósitos convidados não se contiveram, comprometeram a hilaridade interminavel; e o «sereno», então, manifestou-se desapiedadamente neste dispos:

— Senta... Senta!...

— Já recitar assim na China!

— Arre de uma vez!

O certo é que o pobre diabo, visivelmente enalstrado, desapareceu do salão como por encanto, internandose pela casa o quando o preceitaram mais tarde para as danças, já se havia retirado pelos fundos do quintal.

Gil Zimero.

EXPEDIENTE

A todas as pessoas que tomarem uma assignatura da REVISTA FEMININA remetteremos como presente O Adalio elegante livrinho de receitas de cozinha e doces ou um fasciculo do «Cyrano de Bergerac» de Edmund Kostand.

Toda Sra. que nos arranjar 10 assignaturas terá uma assignatura gratis alem do Adalio, e á que nos enviar 2 assignaturas terá direito ao sortido de um enxoval de noiva, um mobiliario ou um conto de reis em dinheiro.

Avísamos as senhoras assignantes cujas assignaturas terminam neste mez, que devem mandar reformar-as quanto antes evitando assim que seja suspensa a remessa da REVISTA.

Toda a correspondencia destinada á REVISTA FEMININA deve ser dirigida á D. Virgínia de Souza Salles, directora da Empresa Feminina Brasileira, Alameda Glette, 87, São Paulo.

Sonho de mocidade

Vamos pôr as nossas leitoras em contacto, com um escriptor pouco conhecido no Brasil: Stefan Zweig, que conta apenas quarenta e poucos annos e é um dos maiores nomes litterarios da Austria.

FUI passar o mez de Agosto ultimo em Cadenabbia uma dessas aldeolas do lago de Como, deliciosamente occultas entre as villas claras e a massa negra da floresta. Cadenabbia, mesmo na primavera, é calma, apesar do enxame de touristes de Bellagio e Managgio que pullulam nas praias. E naquellas calidas semanas de verão, nella havia, uma solidão perfumada e banhada de sol.

No hotel, poucos pensionistas estavam. E cada um delles surpreendia-se, da coincidência de haverem outras pessoas escolhido aquelle perdido recanto do universo como estação de veranistas, esperando sempre ficar sosinho de um para outro momento.

Foi assim que me espantei da presença de um senhor de idade, distincto e culto que a um tempo parecia um estadista inglez e um elegante parisiense, não praticava nenhum desporto nautico e passava todo o tempo a sonhar, acompanhando a fumaça do cigarro ou a folhear um livro.

A deprimente solidão imposta por dous dias de chuva e a affabilidade cordeal desse companheiro estabelecera rapidamente entre nós uma intimidade, que fez desaparecer a differença de idade, que entre nós havia.

Livonio de nascença, creado na França, educado na Inglaterra, sempre sem profissão, sem residencia fixa, havia annos elle era sem patria, pelo mesmo titulo que essas pessoas, que vivem de gozar os esplendores de todas as grandes cidades.

Interessava-se como dilettante por todas as artes, desdenhando porem dellas servir-se, apesar do amor que lhes consagrava. Devia-lhes horas mil de embevecimento, mais não lhe consagraria um só minuto de esforço creador. Era uma dessas vidas que parecem superfluas porque recusam toda communhão e porque todas as riquezas que nellas se accumulam, perdem-se esterilmente com o ultimo suspiro.

E entretanto quando semelhantes homens, deixam-se surpreender em um momento de expansão, nellas encontra a gente mais ensinamentos do que em muitos livros.

Assim quando elle me narrava suas aventuras e que pessoas e cousas exhumadas de sua memoria surgiam ante meus olhos, eu surpreendia-me por vezes, a lamentar que aquella memoria não fosse como a dos poetas, dotada do poder de resuscitar o passado, de conservá-lo ao menos com a apparencia da vida, tal as mummias.

Falei-lhe disso uma tarde em que, sentados deante do hotel, viamos a sombra da noite, a obscurecer a superficie do lago.

Sorriu.

— Talvez não erre; eu não creio nas recordações; as cousas vividas deixam-nos sempre no minuto em que são vividas. A poesia? Ella mesmo não desaparece decorridos dez, vinte, cinquenta annos? Mas espere, vou contar-lhe alguma coisa de que se poderia fazer um lindo conto. Vamos passeando.

Seguimos pela bella praia sombreada pelos cyrestes e castanheiros. Entre os seus ramos percebiamos, por vezes, a superficie agitada do lago. Elle começou:

— Antes do mais deixe-me confessar-lhe uma cousa: ainda não lhe disse que o anno passado, por esta mesma epoca, estava eu em Cadenabbia, neste mesmo hotel. Isto pode surpreendê-lo, por ter-lhe eu affirmado que não gosto de fazer duas vezes na vida, a mesma cousa. Escute porem. Cadenabbia estava naturalmente tão deserta como agora. O mesmo senhor de Milão, que apanta peixes todo o dia para solta-los de novo á tarde e deserta como agora. O mesmo senhor de Milão, que pacificas inglezas, vegetarianas, ás quaes ninguém prestava recomendar a pesca no dia seguinte. Havia ainda do norte de typo bastante accentuado; uma senhora idosa, loura como o ciente, gestos angulosos e horribes, olhos de aço, bocca contrahida, brigona, como que tallada a facão; uma irmã della parecida, como duas gotas d'agua, mas de gestos mais suaves, unctuosos mesmo.

Ellas não se apartavam uma da outra e entretanto jamais abriam a bocca com ella sempre inclinadas sobre o bordado em que pareciam tecer o nada dos seus pensamentos, inexoraveis. Parcas de um mundo aborrecido e limitado. Entre aquellas duas mulheres vivia uma rapariga de cerca de dezeseis annos, filha de uma dellas. De qual, não sei. A secura de seus gestos começava a estragar as suas graças nascentes. Em summa ella não era bonita;



muito delgada, em via ainda de formação e acima de tudo vestida sem gosto algum. Mas na sua mocidade desleixada havia qualquer coisa de tocante. Seus olhos eram grandes e cheios de uma luz exultante; fugiam sempre de fixar-se, confusos, seus olhos disseminados em tremulos lampejos.

Não sei o que nesse olhar me impressionou de modo particular. Seria o pensamento banal e inevitável que se tem, quando se contempla a mãe amadurecida, ao lado da beleza nascente da filha, a sombra a acompanhar o corpo, o pensamento de que a beleza é um bem efêmero, pois que a ruga espera oculta em cada covinha da face, a fadiga em cada sorriso e a desilusão em cada sonho?

Ou seria antes o desejo nascente e selvagem, sem fim determinado que se trahira nella em tudo, esse minuto maravilhoso e único na vida de uma rapariga, em que ella lança sobre tudo olhares desejosos, pois que não tem ainda uma cousa a que agarrar-se como as algas ao madeiro fluctuante?

O caso é que perturbava-me singularmente observar aquella olhar humido e preme de sonhos, o modo febril e selvagem com que ella acarinhava os gatos e os cachorros, a inquietação que fazia com que ella não terminasse jamais tarefa que empreendesse e mais que tudo, a rapidez febril com que ella passava os olhos pelos livros da misera bibliotheca do hotel ou folheava os dous volumes de versos, Goethe e Baumbach, que trouxera consigo... Mas porque sorri?

— Unicamente pela extranha mistura de Goethe e Baumbach.

— Ah! E' verdade! Efectivamente é engraçado. Mas não. Não acredito que seja a mesma cousa para as moças ler bons ou más versos? Ellas procuram na poesia a taça que lhes ha de matar a sede e não prestam lá muita attenção á qualidade do vinho, pois que antes mesmo de beber já estão embriagadas. Era o caso da moça de que fallo. A puberdade brilhava-lhe nos olhos, fazia-lhe tremer a ponta dos dedos sobre a meza e dava-lhe attitudes aladas e desajeitadas a um tempo, em que se percebic o temor e o desejo de avançar.

Uma grande compaixão apoderou-se de mim. Entretanto não podia approximar-me della. Em semelhante idade o que vale um homem já velho para uma rapadiga? De outro lado a minha profunda antipathia pelas ruas velhas burguezas impedia qualquer aproximação.

Experimentei então qualquer cousa de extraordinario. Pensei commigo: «E' uma rapariga sem experiencia vinda á Italia pela primeira vez, á Italia que graças ao inglez Shakespeare passa pelo paiz dos Romeos, do amor romantico, dos idyllios mysteriosos, dos leques que se deixam cair, dos punhaes scintillantes, das mascaradas, das aias condescendentes e dos bilhetes amorosos. Ella decerto sonha com tudo isso. Os sonhos das moças são brancas nuvens que pairam o dia inteiro no azul infinito do ceu, indecisas, e que a tardinha ganham um colorido mais intenso, roseo a principio e depois um amarello mais vivo. Nada lhe parecerá impossivel ou inverosimil. Foi por isso que me decidí a arranjar-lhe um namorado secreto.

Aquella mesma noite escrevi uma longa carta cheia de ternura humilde e respeitosa, recheada de termos insolitos; uma carta que nada pedia, nada prometia, a um tempo exaltada e contida; em uma palavra, uma carta em que o amor falava como nos poemas romanticos. Não a assignei.

E como sabia que todos os dias por motivo de sua ociosidade irrequieta, ella chegava á mesa do almoço em primeiro lugar, escondi a carta no seu guardanapo. Chegou a manhã e pude observar do jardim sua surpresa extrema, seu espanto subitaneo, a rubra chama que lhe subiu ás pallidas faces e pareceu descer a esconder-se-lhe no seio.

Lembro-me do olhar que ella circulo em torno de si, furtivamente, o tremor que della se apoderou depois o gesto rapido e assustado com que dissimulou a carta.

Sentou-se perturbada, inquieta, sobrecitada, apenas tocou nos pratos e por fim fugiu, ganhou qualquer alea deserta e sombria para tomar conhecimento daquelle carta mysteriosa... lá dizer qualquer cousa?

Fizera um movimento involuntario que precisava explicar.

— Acho que foi muita ousadia de sua parte; ella poderia fazer pesquisas ou perguntar ao creado como fora aquella carta parar dentro do seu guardanapo, ou ainda mostral-a simplesmente á mãe.

— Pensei em tudo isso. Mas si tivesse visto como eu, aquella tocante creatura, tímida, olhando apprehensivamente em torno d' si, quando por acaso alteava um pouquinho a voz, não teria medo de tal.

Tudo o dia ella pareceu interdita; sua tez adquirira um brilho particular; seu olhar parava em cada janella como se esperasse uma revelação; fixava-se em cada transeunte e sobre mim mesmo que tomava todas as cautellas para não me trahir. Entretanto não pude fugir á impressão daquelle muda interrogação, que quasi me causou medo e de que sempre me lembrarei.

Não ha cousa seductora e perversa, voluptuosamente perversa e perigosa como a de accender a primeira scintilla nos olhos de uma moça.

Contemplei-a aquella dia, sentada entre as duas velhas, cujos dedos sonolentos demoraram-se no seu trabalho habitual e observei que de quando em quando levava furtivamente a mão ao seio, onde escondera a carta.

Decididamente a brincadeira attrahia-me. A' noite escrevi uma outra carta e outras nos dias a seguir. Ah! que prazer picante gozava eu ao exprimir naquellas cartas todos os sentimentos de um joven enamorado e todos os grãos de uma paixão imaginaria. Gozei todas as alegrias que sentem os caçadores, quando armam os seus laços infalliveis ou quando alvejam com a sua arma a caça que os não vê.

E o resultado, quasi terrivel, ultrapassava todos os meus desejos; quiz cessar a brincadeira; mas a tentação, forte demais, impediu-me de fazelo.

A attitude della tornou-se quasi selvagem; ella parecia viver nas nuvens; assumiram suas feições uma belleza especial e febril. Começou a cuidar de sua pessoa e poz flores nos cabelos, suas mãos só se erguiam para o carinho.

Seus olhos eram uma interrogação perenne, porque de minhas cartas, ella deprehendia pelos mil detalhes que eu nellas metia, que o namorado devia viver proximo della, roçando por ella, a espiar a nota mais discreta da canção viva que era ella e que enchia o ar em torno, de harmonias. Tornou-se tão alegre que a mudança não escapou ás ternas velhas, que por vezes pousavam seus olhos immobilisados momentaneamente na creança prestes a desabrochar.

Sua voz ganhou no timbre, fez-se mais forte, mais clara, mais ousada... e por sua garganta passava um estremecimento como si della fosse irromper um cantico jubiloso... A boneca dançava e eu segurava a ponta do fio em minha mão adextrada ao jogo das paixões.

Para desviar todas as suspeitas a meu respeito -- porque ás vezes sentia o seu olhar prescruatado pousar sobre mim -- deixara entrever que o autor das cartas não morava aqui, mas em uma estação proxima e vinha todas as noites em um bote ou em um vapor. Era por esse motivo que a via escapar-se á vigilancia materna mal soavam as badaladas de bordo de algum vapor, precipitando-se para o lado do porto onde es-

perava a passagem dos viajantes, inspecionando-os a todos. E de uma feita, uma tarde em que eu nada tinha a fazer de melhor do que observal-a, passou-se uma cousa extraordinaria.

Entre os passageiros achava-se um moço elegante, vestido com a extravagancia propria dos rapazes Italianos; e como ao desembarcar examinasse o logar, o olhar desesperadoramente interrogativo da moça attingiu-o. E logo um subito rubor subiu ás faces da moça. Como é de prever esse olhar ardente de eloquencia surpreendeu-o e intrigou-o.

Sorriu e começou a segui-la. Ella fugiu, parou, convencida de que era aquelle afinal -- o Desejado -- continuou a caminhar, depois voltou-se. Era a eterna luta entre o amor e o medo, luta na qual a doce fraqueza é sempre a mais forte. Elle, evidentemente encorajado, apesar de sua surpresa activava-se em seu seguimento, lá alcançal-a e eu temia já ver aggravarem-se as cousas, quando as duas velhas appareceram no caminho.

A moça approxinou-se dellas como um passarinho temeroso em busca de protecção e o moço retirou-se prudentemente. Entretanto seus olhares mais uma vez se encontraram, interrogativos e febris.

No dia seguinte fiquei apavorado ao perceber a mudança dos seus modos. A bella impetuosidade ceder lugar a um inexplicavel nervosismo. Seus olhos estavam humidos e avermelhados e uma dor profunda parecia despedaçal-a.

Sua fronta estava sombria e seus olhares nos quaes eu esperava enxergar uma grande alegria, só reflectiam uma immensa angustia. Tive medo. Alguma cousa de extranho devia se passar. Pela primeira vez resistia a boneca á minha vontade, não dando como eu queria. Formuladas todas as hypotheses e nada pude encontrar. Mas á tarde, ao voltar do meu passeio comprehendí tudo; o logar que as allenãs occupavam á mesa estava vazio. Haviam partido e a moça fora-se sem poder dizer uma palavra ao seu namorado e sem ousar fazer aos seus a confissão de que seu coração já não era livre.

Tinha sido arrancada bruscamente do seu doce sonho e levada para qualquer lamentavel cidadezinha do norte.

Isso é que eu não previra; e como uma censura, como uma accusação persegue-me ainda aquella deradeira olhar della, carregado de colera, de desespero, daquelle dor amarga que eu introduzira em sua vida e por tantos dias, tantos, tantos...

Calou-se. Continuamos a caminhar em silencio. Meu companheiro interrompeu o silencio:

— E' essa a historia. Não se poderá fazer della um lindo conto?

— Não sei, respondi. E' uma narrativa que quero conservar como tantas outras e que agradeço m'a ter contado. Mas quanto a fazer della um conto... E' apenas um bello episodio... é o começo de um destino mas não é um destino. Pelo menos seria necessario arranjar-lhe um desfecho.

— Vejo ao que quer chegar: a volta da moça á sua casa, na sua terrinha e a terrivel vida quotidiana...

— Nada disso. Essa rapariga pouco me interessa. As moças não são interessantes nunca, por mais notaveis que possam parecer a si proprias. Todas as cousas que ellas viveram assim, são negativas e monotonas. Em um caso como esse, a rapariga acaba por casar-se quando chega a idade, com um bom burguez de sua terra e a aventura fica em sua lembrança como a folha primaveril que é tão suave ao tacto. Essa moça não me interessa mais.

— E' entretanto no rapaz é que nada vejo que interessar-lhe possa. Olhares que nos queimam de pas-

sagem cada um de nós recebeu em sua mocidade. A maioria nem os nota, os outros esquecem-nos rapidamente. E' preciso ser velho para saber que os mais nobres sentimentos, os mais profundos que se experimentam são os do tempo incomparavel da mocidade...

— Também não é o rapaz que me interessa.

— Quem, então?

— Eu modificaria o caracter do velho, do autor das cartas e é com elle que eu terminaria o conto. Creio que em idade nenhuma escrevem-se impuneamente ardentes cartas de amor fingindo os sentimentos de um enamorado. Explicaria como o velho cavalheiro acreditando dirigir o brinquedo fora por elle dominado. Interessar-me-ia por uma certa volta ao amor que deve tornar o coração de um velho muito semelhante a de um rapaz, não se sentindo ambos em plena posse de sua força. Mostraria meu heroe na angustia da espera, fal-o-la indeciso, seguindo a moça para vel-a e não ousando, no derradeiro momento approximar-se della. E fal-o-la voltar ao mesmo hotel, no anno seguinte, na esperança de tornar a vel-a, a implorar o acaso sempre cruel. Faria o conto nesse sentido e assim elle seria...

— Mentiroso, falso, inverosimil! exclamou meu companheiro.

Fiquei espantado; sua voz era dura, rouca, quasi ameaçadora. Sem pensar em tal eu havia ferido justo. Elle parara, abanando a cabeça afflictivamente e á luz da lua eu via brilhar-lhe a prata dos cabelos. Quiz bruscamente mudar de conversa. Mas elle falou de novo; desta vez com um accentto tocante na voz, meiga e amoravel, com ligeiras tintas de melancolia:

— E' bem possivel afinal que tenha razão. Assim como entendeu será bem mais interessante. «O amor custa caro aos velhos». E' assim que Balzac, creio, intitulou uma de suas mais tocantes historias e muita cousa poder-se-ia escrever sobre esse assumpto. Mas os velhos que o poderiam fazer gostam mais de contar os seus successos do que as suas derrotas. Temem-se do ridiculo em cousas que são no entretanto tão eternas e tão fataes como o movimento do pendulo.

Acredito que o capitulo das memorias de Casanova em que o autor é velho e enganado tenha-se perdido mesmo, por acaso? Talvez lhe parecesse então demasiadamente pesada a tarefa e o seu coração muito pequeno, não?

— Boa noite! Tenho medo de que seja perigoso contar historias a um rapaz em noites de verão; isso desperta as idéas loucas e os sonhos inuteis. Boa noite.

Afastou-se com o seu passo ligeiro, retardado do contudo pela idade. Era tarde. A fadiga que me fazia habitualmente o calor da noite, dissipara-se com agitação do sangue que em nós se produzia, quando qualquer cousa de anormal se passa ou quando por acaso, se vê como a propria, um bocadinho da vida de um outro.

Segui o sombrio caminho até a Villa Carlotta cujas escadarias de marmore mergulham nas aguas do lago e sentei-me nos seus degraus. A noite era maravilhosa. As luzes de Bellagio que havia pouco pareciam vagalumes entre os ramos das arvores, appareciam muito longe agora, morrendo uma apos outra na obscuridade. O lago estava polido como uma pedra preciosa escura, com brilhos incertos nas bordas. As vagas tepidas subiam e desciam pela escadaria como mãos em um teclado immenso. E alem muito alto, o silencio scintillante das estrelas, das quaes destacava-se uma por vezes e cahia na noite, nas montanhas, nos destiladeiros, nos mares longiquos, cahia sem vontade, impellida por uma força cega como uma vida cae no incognito abysmo de um destino...

A Época das possibilidades

(Colaboração especial para a Revista Feminina)

ENTRE os problemas políticos, econômicos e sociais que esta guerra européia veio subitamente apresentar à perspicácia do entendimento humano, há um que a todos sobrepõe pela sua magnitude e que mais que todos os outros nos espanta, não só pela importância e extensão das suas consequências, como pelo que tem de inesperado e de imprevisto.

Para os estadistas e sociólogos europeus, será esse problema mais difícil de resolver, que o rearmamento econômico da Bélgica com a reconstrução das suas fábricas, dos seus diques, das suas cidades e o reestabelecimento do seu comércio; mais importante que a desmilitarização dos exércitos, fazendo voltar os soldados — acostumados já à vida militar — às suas antigas profissões pacíficas do campo e da cidade; mais sério e com uma importância social ainda maior, que a possível vitória do socialismo, como o entendem os operários, organizando a vida nacional de cada país em moldes absolutamente novos; esse problema é enfim tão relevante como o do *desarmamento geral* que me parece um ideal grande de mais, para poder sair do largo campo das hipóteses para o estreito terreno das realidades.

Agora, com a grande guerra — trágico final de era a que assistimos transidos — nós entramos na época das possibilidades. A civilização parou a sua marcha a meio caminho e agora, hesitante, nada nos indica se a proseguirá na mesma direcção com menor, igual ou maior rapidez; se cortará em obliqua, por uma nova estrada nunca percorrida, ou se — do que Deus nos livre — voltará para traz refazendo o caminho tão penosamente andado até aqui.

E como a época é de possibilidades nada mais natural do que discutirmos neste momento uma das mais possíveis, que é do feminismo, pois que é do feminismo que me proponho hoje tratar.

Certas propagandistas que masculinizaram o seu aspecto pelo uso de trajes híbridos, e os jornais de caricatura que especularam com esse ridículo até à atrocidade, conseguiram dar à palavra *feminismo* e seus derivados uma feição, ou antes, uma fisionomia antipática que muito tem prejudicado o triunfo da ideia.

É rara a pessoa, que ao ler a palavra *feminista* não se lembre de um tipo hirtó de mulher, metida em casacos de homem e por completo desprovida de beleza ou graça atrativa. *Feminismo*, não pela ideia, mas pela palavra em si mesma, provoca ainda em muita gente um sorriso de mofa e desres-

peito. Entretanto devem ser raras já — se é que existem — pessoas capazes de negar à mulher inteligência bastante para optar, discernir, e resolver e, portanto para votar, para comerciar, para administrar.

Há mesmo algumas dezenas de milhões de homens (todos os monarquistas) que as julgam capazes de dirigir um país. De um sei que me declarou ter a nossa princesa imperial, quando regente, feito mais em um só dia, que seu angusto pai em sessenta anos. E é curioso verificar que a rainha Victoria da Inglaterra, senhora do maior império de todos os tempos, poderia livremente declarar guerra a um estado estrangeiro como soberana, mas não poderia, como súbdita, assinar um documento comercial sem a necessária autorização do marido!

Se em vez de clamar quasi exclusivamente pelo «direito de voto» meramente político, a mulher clamasse com igual força e igual tenacidade, pela «igualdade de direitos», o feminismo não teria encontrado os imensos impêchilos em frente aos quais foi obrigado a parar, clamando, e esperando que o simples rumor da sua voz, como das trombetas de Cértes, as fizesse ruir fragorosamente. Se em vez de quererem, com seus casacos e colarinhos, parecer homens, as feministas mostrassem a evidência que queriam continuar a ser mulheres, mas mulheres com direitos iguais aos dos homens, autônomas e livres, creio bem que as hostilidades pequeninas de muitos e a má vontade, ou a indiferença de quasi todos nunca teriam chegado a existir.

É sabido — e não há marido infiel que o não proclame — que o número de mulheres é consideravelmente superior ao dos homens. Como porem muitas mulheres, por um lamentável preconceito social, se mantem de todo ociosas e como muitas outras só se ocupam em trabalhos domésticos, o numero aparente — eu ia escrever o numero util — de mulheres, é sempre inferior ao dos homens, e daqui se originam todos os privilégios de que goza exclusivamente o sexo masculino. Com a guerra, porem, já nos principais países da Europa, o numero aparente das mulheres sobrepõe extraordinariamente o dos homens.

São delas nas fabricas, os logares antes preenchidos pelos maridos, pelos irmãos, pelos filhos; são elas os operários, os caixeiros, os comerciantes, os condutores de veículos, os limpadores de ruas, os guardas de armazens. É claro que muitas destas trabalhadoras voltarão, depois da guerra, às suas primitivas ocupações. O que é porem evidente é que a sua capacidade de trabalho e a sua *necessidade de ação* estarão então de tal modo desenvolvidos, que só muito difficilmente se resignarão essas criaturas a não em si mesma, provoca ainda em muita se agitar e trabalhar, tanto mais que a inevitável crise economica e a re-

dução do numero de homens validos, (as baixas por mortes e ferimentos são computadas já em doze milhões de homens) a isso as forçará.

Imaginemos que a França mobilizou quatro milhões de soldados; imaginemos ainda que ao fim da guerra se verifique a morte ou a deformação fisica de um milhão e meio desses soldados, numero este que deve estar bastante áquiem da verdade. Assim, teremos quatro milhões de mulheres ocupando atualmente cargos até aqui reservados a homens, isto é, só em França, e teremos, depois da guerra, um milhão e meio de mulheres que continuarão nesses cargos, fóra dois milhões e meio de mulheres habilitadas a occupal-os e que a eles concorrerão. Notemos ainda que os quatro milhões de soldados representam, quasi em absoluto, a totalidade da população masculina franceza entre os dezoito e os quarenta anos, representam portanto quasi todos os trabalhadores realmente uteis da nação, e que a guerra reduzirá esse numero a uma proporção total que, segundo os calculos de um jornal de Paris, só haverá em 1917 um homem para cada sete mulheres dessa idade. Há tambem a considerar que o homem da cidade, menos acostumado às intemperies e ao desconforto, morre na guerra em proporção muito maior do que o do campo, e que é portanto nas cidades que o *deficit* de varões será mais sensível. Equivale isto a dizer que será principalmente nas cidades que as mulheres terão de empregar a sua actividade. Ora, como todas as revoluções, todas as propagandas, todas as reformas são urdidas, preparadas e executadas nos grandes centros, é claro que as mulheres ali terão um predomínio tão forte que só por um extraordinário e imprevisto acontecimento não usarão dele para a consecução dos seus fins.

O mesmo fenomeno se dará na Inglaterra, na Bélgica, na Alemanha, na Austria, na Italia, por toda a Europa. E quanto maior for a duração da presente guerra, tanto maior será a certeza do triunfo feminino.

Sete para um em 1917, oito para um em 1918; dez ou doze em 1919... Não me quero referir ao que estes numeros podem significar de grave... ou de burlesco; deixo-os aqui escritos apenas para que, tomando-os por ponto de partida, a imaginação dos que me lerem divague um pouco, a aventura, pela região ideal das hipóteses. Quero referir-me apenas a mais uma das possibilidades da época presente: — quem nos diz — tal o formidável poder das potencias em luta — que ao verificar-se a invencibilidade de ambos os grupos combatentes, não vejam os homens com espanto, após o tratado de paz, que fomos nós, as mulheres, as unicas, verdadeiras vencedoras desta guerra tremenda?

Julia Lopes de Almeida

CORACÃO CALMO

Disse-me ella que lera (não sabia
Onde nem quando) que, por mais cuidado
Que se tenha em trazer o amor guardado,
Batendo, o coração logo o annuncia.

Disse, e attenta auscultando o resguardo lato
Do meu peito, observei, naquele dia,
Que, regular, o coração batia,
Nem mais forte, nem menos apressado.

A tudo alheio, indifferente ás penas,
Na arca funda do peito, onde o domoio,
Suas paucadas lentas e serenas

Sem precipitações nem desalinho,
Calmo batia o coração, apenas
Por dever de bater, que é seu destino.

JULIO CESAR DA SILVA.



TEU SORRISO

Cheio de amor e cheio de intelligencia
F' na sua labia, ás vezes, esculpado,
Como o de alguém que passa na existência
Da tristeza e da magna desolado.

Indozes vezes, porém, fuge á clareira,
Tocasse attito, desdenhoso, nado,
Ora o si da attitude a punga essencia
Tirasse a fatalidade encarnada.

E' uma doce promessa, uma esperança —
Um cruel jactamento de vingança
Entre o bem e entre o mal sempre interino...

Deixei assim meu pensar em tons diversos,
Por não poder, nestes quatorze versos,
Traduzir a expressão do teu sorriso!

CAROLINA WANDERLEY.

O LAR

Para a Revista Feminina.

Por laço do indaga da cobertura rude,
Dentro dessa parede inflada da tapete,
Existe um nobre lar, modelo de virtude;
De encantado Abert — constante primavera...

Nas labiatas vris da força e da saúde,
Uma evarme elegia, ao de redor, impéra:
E, sahida do lar, retumba pelo agude,
Ruidosa, jovial, harmonica e sincera!

Quer seja de granito ou marmore construída,
Embora ella venha evantada desta vida,
Seja uma habitação de solida espessura;

Uma casa feliz, por um rizego erguida,
Em plena Capital — primor d'uma avenida;
Tem na tapete, o lar do pobre, igual doçura!...

Bibeião Preto
V-III-MCMXVI

AJORIM BRENHA.

SENHORAS PAULISTAS



Madame PÍRES DE BARROS

VIA-CRUCIS

Para a Revista Feminina.

Alma suprema, espirito supremo,
De Perfeição, de Evanto, de Grandeza...
Virtus, de pégo em pégo, refreio a extremo,
Os mysticos sabor da Natureza!

Só, nesse ramacalhado chãos, meu remo
Para os triumphos da Fama e da Belleza,
Geme, romango, a mesma dor que eu gozo,
Comunigo ainda entre angustias e tristeza...

Perceitamos os eglos dos destinos,
Das vaguans, dos sonhos peregrinos
Das legiunas, das gostos soberanos!

Perceitamos escombros sobre escombros,
Inapacidos, levados em nossos hombros
O matricio augural dos Desingnos!

MARIANO LEMOS
(Pernambuco)

MCMXIV

VIDA FEMININA

No Brasil não há um só club feminino, salvo si quisermos considerar como clubs — que devem ser centros de leitura, de palestra e de educação — algumas sociedades de trolé e saracoteios periódicos e mesmo destas ultimas, não conhecemos nenhuma, feminina.

Na America do Norte, nos Estados Unidos, paiz novo como o nosso, mas cuja raça foi exultada sobre um «cavallo» mais resistente que o nosso, que vive brocado pela indolencia — as sociedades femininas contam-se pelo numero de cidades.

São sociedades de uma actividade civica consideravel, que se não limitam á oratoria espoucante e á declamação theatral do latino, mas que agem e agem effizientemente em beneficio

tuitas, para o povo. Eram executantes as proprias socias: o salão á municipalidade dava de graça.

As audições musicas atrahiam o publico e o club aproveitava tues reuniões, para fazer palestras, hoje sobre hygiene da casa, amanha, sobre hygiene do corpo e do vestuario, depois de amanha, sobre a hygiene da creança e do recem-nascido. E'muito mais interessante e muito mais pratico tudo isso — hão de convir as leitoras — do que passar o dia indolentemente estirada num divan, a intoxicar-se com leituras romanticas...

Pouco a pouco os costumes da população de Roanoke, modificaram-se; os seus habitantes tornaram-se exigentes, em materia de Hygiene e acabaram pedindo reformas sanitarias á Municipalidade, auxiliando-a para tal fim e no cabo de tres ou quatro annos, Roanock era uma outra cidade: — Agua encana-

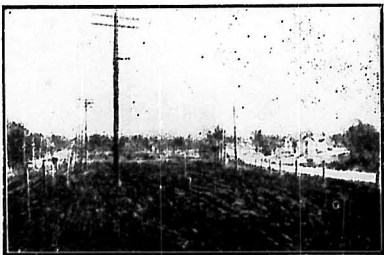


Fig. 1. Trabalhos executados por um club feminino



Parque em que foi transformado o terreno da grav. n.º 1 pelo Club Civico Feminino de Topelka

da collectividade, organizando serviços publicos, cuidando do bem estar physico e moral dos seus compatriotas, abrindo estradas, preparando bosques de recreio e de oxygenação para seus socios, influindo directamente no saneamento dos costumes, e na administração municipal. Tudo isto sem alarde, sem discurso, sem charlatanismo. E' uma acção que se desenvolve lentamente e quasi que dentro do lar, onde, a esposa do conselheiro municipal, a filha do deputado, a sobrinha do governador, a irman de um senador, obtém que as boas acções projectadas pela sua sociedade, se realizem sem violencia.

As nossas duas gravuras representam o trabalho do club feminino de Topelka; vê-se na primeira um pedaço primitivo de estrada, que em pouco tempo aquelle club transformou em elegante parque que se vê na segunda gravura.

Mas não são só beneficios materiais os que resultam para os E. Unidos da existencia de clubs femininos, nos quaes as senhoras, fazem alguma cousa mais util que nós outras, que ficamos em casa a brigar com a cosinheira ou a conversar de janella a janella ou por cima do muro, com a vizinha. Vejamos, por exemplo o seguinte facto que se passou com o Club Civico Feminino, de Roanoke, Virginia. Logo, no primeiro anno de existencia do club foi preocupação de suas socias melhorar o estado sanitario da Cidade, educar o povo em principios de hygiene e obter dos poderes municipaes um serviço de asseo publico, que até então não existia. Começaram por tomar uma columna do jornal da terra para, duas vezes, por semana, pregarem principios de hygiene domestica e publico, em linguagem commun, ao alcance do povo. Em seguida promoveram para os dias feridos audições musicas gra-

da, exgostos, limpeza publica, parques de oxygenação e... estado sanitario excellent;

Imaginem as miulhas leitoras que alegria darião ao Dr. Guilherme Alvaro, se quizessem seguir o exemplo das mulheres de Roanoke!

- Desejava encontrar-te na Cidade.
- Marca um ponto!
- Espera! Onde hade ser?

E ficavam duas amigas antigamente, assim perplexas e hesitantes, porque não havia em S. Paulo, um ponto no centro da Cidade, onde as senhoras tranquillamente se pudessem encontrar.

Agora as casas de chopps e de bebidas, apenas havia uma ou duas confeitarias, onde entrava toda a gente e em cuja porta se agglomeravam, moços desocupados, mais elegantes no vestir, do que no dizer inconveniencias as senhoras que lhe passavam ao alcance.

Hoje este mal está remediado. Não ha mais hesitação e uma senhora que quer passar uma meia hora com uma amiga, na hora das compras, não tem mais que marcar:

Espero-te ás tres horas, na Casa Branca.

Nem é necessario acrescentar rua Direita, nem dizer que é uma casa de chá, servida por senhoras e destinada á senhoras, porque nenhuma das nossas elegantes desconhece. E' onde se reune diariamente, das 2 ás 5, o que o mundo feminino de S. Paulo, tem de mais fino e que alli passa uma alegre meia hora, a ouvir excellent musica.

MOVEIS, MOVEIS,
os melhores,
os mais baratos, na

Casa
Primor

J. DE OLIVEIRA COSTA
Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, 61
Caiça, 1195 — Telephone, 4905 — S. Paulo

TRABALHOS DE AGULHA

O Macramé

Continuação

Picot anelado. (fig. 17) — Os picots anelados se fazem ao longo de uma trança ou esteira de nós chatos, espaçando muito o nó seguinte do precedente, para que o fio que fica entre os nós forme um picot quando se os aperte um contra o outro.

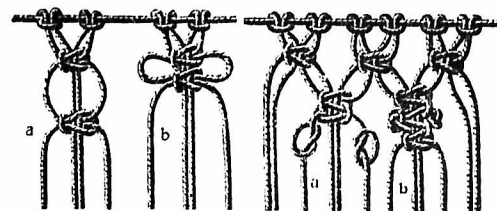
Na fig. 17 a letra A mostra o picot começado, ao passo que a letra B, o aprsenta terminado.

Picot atado. (fig. 18) — Os picots atados fig. 18 se fazem depois de um ou de muitos nós chatos. O picot é produzido por um nó que se faz com o fio exterior; este nó deve ser colocado na proximidade do nó chato. Para que se possa fazer-o o mais perto possível deste ultimo, se introduzirá um alfinete grosso no nó não fechado; com este alfinete se o conduzirá ao lugar que elle deve occupar e não se tirará o alfinete se não quando o nó estiver apertado. Estes picots se fazem sempre sobre os dois lados e podem se repetir muitas vezes ao longo de uma fila de nós.

A letra A, mostra o crusamento dos fios para estabelecer os picots, a letra B, os picots terminados e seguidos de um nó chato.

Nó de ervilha ou pequena concha de nós. (fig. 19) — O nó de ervilha ou a pequena concha de nós se obtém voltando os fios sobre uma serie de nós chatos já estabelecidos. O detalhe A faz vêr trez nós chatos terminados, o detalhe B mostra como se volta os fios interiores sobre os nós e entre os fios; pelo detalhe C, se vê que os fios que serviram para fazer os nós são passados entre dois fios vindo da esquerda para a direita e o detalhe D, mostra o nó de ervilha terminado e seguido de um nó chato.

Baguettes de nós da direita para a esquerda. (figs. de 20 a 27) — Depois de ter montado um numero sufficiente de fios sobre um fio porta-nós duplo, se faz em



(Fig. 17) Picot anelado

(Fig. 18) Picot atado

dois nós de festão com o fio da direita sobre o fio da esquerda fig. 20.

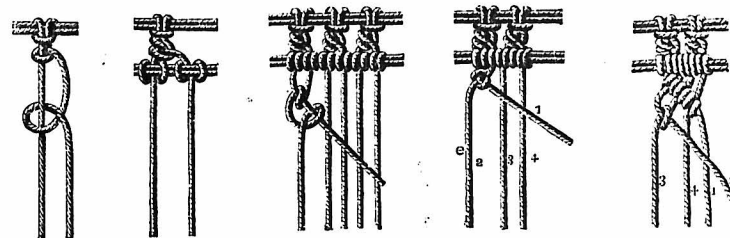
Em seguida se estabelece uma baguette horizontal prendendo duas vezes cada fio por cima do fio porta-nós fig. 21, estes nós deverão ser muito unidos. Terminadas estas baguettes se começa com quatro fios as baguettes obliquas indo da esquerda para a direita fig. 22.

O primeiro fio a esquerda marcado na fig. 23 pelo n.º 1, serve de fio porta-nós aos fios 2, 3, e 4, que se lança successivamente por cima do fio n.º 1.

A fig. 24 representa os fios 2, 3, e 4 atados por cima do fio n.º 1 e mostra mais como na segunda baguette, o fio 2 passa ao estado de fio porta-nós e substitue o n.º 1, e a maneira pela qual os fios 3, 4, 1, são lançados e atados duas vezes por cima do fio 2, que deve ser sustentado pela mão direita. Os nós se fazem com a mão esquerda.

Na fig. 25, representando uma baguette dirigida da direita para a esquerda, é sobre o fio 4 que se monta os nós com os fios 3, 2, 1; pois na segunda volta, fig. 26 é sobre o fio 3, que se monta os nós com os fios 2, 1, 4.

Aqui é a mão esquerda que estende o fio da direita para a esquerda emquanto a mão direita executa os nós. A fig. 27 explica como se igualam por um nó chato



(Fig. 20) Nó de festão para a direita

(Fig. 21) Prisão dos fios ao fio porta-nós

(Fig. 22) Baguette oblíqua para a direita

(Fig. 23) Baguette oblíqua para a direita

(Fig. 24) Baguette oblíqua para a direita

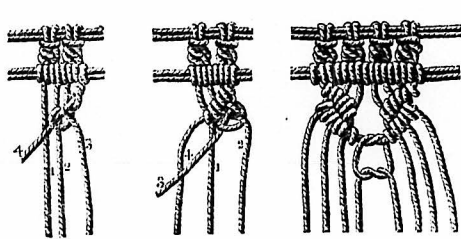
(Fig. 25) Baguette oblíqua para a esquerda

(Fig. 26) Baguette oblíqua para a esquerda

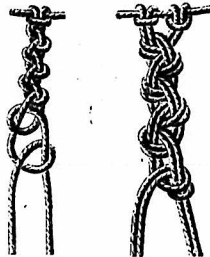
(Fig. 27) Baguette oblíqua para a esquerda

as baguettes duplas. Recommenda-se terminar sobre todo o comprimento do trabalho uma série de nós antes de passar a outra; o trabalho torna-se mais regular por que a mão se habitua ao movimento que exige

Segunda série — começar pelo meio e por dois nós chatos com 4 fios azues; fazer com os 4 fios azues da esquerda uma baguette quadupla por cima das 4 baguettes azues da direita.



(Fig. 25) Baguette para esquerda. Os fios 2 e 1 querdos os fios 2 e 4 atados sobre o fio 3

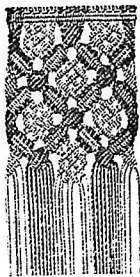


(Fig. 27) Baguettes iguais. Os fios porta-nós reunidos por um nó chato

o nó e esse movimento naturalmente muito se acelerará por um exercício contínuo.

Pequena cadeia. (Fig. 28) — A pequena cadeia no macramê, feita com fios simples, é produzida pela inversão constante dos fios e pela direção que se lhes dá enquanto se fazem os nós.

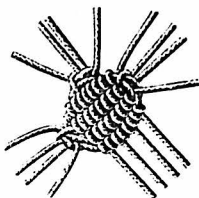
Dupla cadeia. (Fig. 29) — A dupla cadeia se faz da mesma maneira que a pequena cadeia, com esta diferença, que muitas vezes se emprega um fio duplo, e até triplice. Estas duas sortes de cadeias se empregam geralmente ao longo de galões a macramê e são um meio de passar de uma cor a outra ou mudar os fios o que não se poderia fazer de outra maneira no lugar necessário, para continuar o desenho dado.



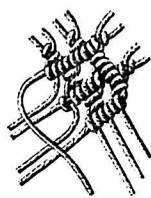
(Fig. 30) Franja de macramê

Franja de macramê. (Figs. 30, 31 e 32) — O comprimento dos fios é correspondente ao que se quer dar à franja.

Primeira série — montagem como na fig. 2; começar com 2 fios azues alternando com 4 fios cremes e 4 fios azues, e terminando por 2 fios azues e fazer seguir uma dupla baguette horizontal.



(Fig. 31) Concha de nós



(Fig. 32) Motivo aberto

O detalhe destas baguettes quaduplas, chamadas "conchas de nós" está representado na fig. 31.

Reunir os fios azues sobre os lados por meio de nós chatos.

O começo e a continuação do motivo aberto estão explicados na fig. 32.

Os fios derivados do último grupo de nós servem para fazer a baguette de nós, das quais as duas ordens interiores são claras e as duas exteriores escuras. A baguette a duas cores estando terminada, deve-se reunir todos os fios claros para fazer o motivo aberto seguinte, de maneira que todas as conchas são azues e todos os motivos abertos são cremes.

REMESSAS PELO CORREIO: — Atendendo ao pedido de grande numero de leitoras resolvemos enviar as nossas leitoras do interior, os artigos necessários para trabalhos de agulha. Todos os pedidos deverão vir acompanhados da respectiva importância e mais 600 réis para porte. Os artigos que não puderem seguir pelo Correio, serão enviados por estrada de ferro, frete a pagar.

Ricos albums de modelos. **Taquana grande gravuras lindas e desenhos incomparáveis, para trabalhos de agulha: Filé Richelle, um 30000** — Ponto de cruz, colorido — Bordados, sobre

elamine — um 4500 a serie de tres 118000. — Bordados sobre elamine coloridos, um 3500. — Filé bordado, um 3500. — Renda de Tejerife ou indauidy, um 3500. — Renda renascença com desenho em ponto, um 3500. — Rendas e franjas macramê, um 3500. — Tricot, um 4500.

Renda feita em grampo sobre filo, um 3500. — Bordado sobre Filé ou "brilinho", um 2500. — Dezenas de ponto de talo, seta de cruz colorido, cores, labirinto, malha, grandes, cada um 600 réis. (Linha) — Ponto de cruz, colorido — Bordados, sobre

e crochê, preta, novellas de 35 rammas, 500 réis. — Linha branca para em pacotes de 1/4 de kilo, 38000. — Linha para venda irlandesa em meadas, cada uma 500 réis. — Calço de li variis cores em peças de 20 metros, cada 4500. — Suspendores para lousas transparentes o par 4500. — Veludo de seda: artigo superior, azul claro proprio para trabalhos, metro 55000, preço de ocasião. — Cordão de seda, grosso, metro 400 réis, item um pouco mais fino, 300 réis, papel elástico para desenhos, cada folha 500 réis.

MOVEIS, MOVEIS, CASA PRIMOR os melhores, os mais baratos, na

CASA PRIMOR

J. DE OLIVEIRA COSTA AVENIDA BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 61 CAIXA, 1195 — TELEPHONE, 4905 — S. PAULO

As senhoras brasileiras

Vimos novamente insistir junto as nossas patricias para que secundem a nossa obra, que a todas deve interessar. Ha dois annos estamos empregando os mais abnegados esforços para a manutenção da nossa Revista, sempre na esperança de vencer a indifferença das nossas patricias, pelos assumptos que mais as deveriam entusiasmarmos, como sejam os que constituem o nosso programma.

Nos dois annos que são decorridos, terão visto, as nossas leitoras, que não se trata de uma publicação commercial, visando lucros ou interesses secundarios. A nossa Revista representa ao contrario um gesto abnegado de altruismo. Creamol-a pela necessidade premente, de que se resentia o nosso meio, de uma leitura sana, moral e que ao lado da parte recreativa e litteraria, collaborasse eficaz e directamente na educação domestica e na orientação da espirito feminino. Não tivemos, não temos e não teremos, nenhuma pretensão descoberta; o nosso esforço é modesto e humilde; não pretende ensinar, nem reformar; o que deseja é apenas, collaborar na medida de suas forças, para a educação feminina.

As revistas do genero da nossa são no estrangeiro, acolhidas com enthusiasmo e as senhoras porfiam em propagal-as e auxiliá-las. E' a razão pela qual ha na Europa e na America do Norte, magnificas publicações femininas, muitas das quaes circulam largamente entre nós. A mulher brasileira não é menos intelligente, nem menos instruida do que a europeia ou a yankee e só ha uma explicação para o facto de não ter tido até agora, uma publicação, á altura dos seus meritos: — e é a não se ter ella querido interessar com enthusiasmo, pelas diversas tentativas, que em tal sentido, têm sido feitas.

E' bem verdade que a *Revista Feminina* conta com o auxilio desinteressado e entusiasta de um grupo de patricias, que sabem aquilatar á extensão do nosso esforço. E' porém um grupo relativamente pequeno e que apesar de toda a sua optima coadjvação, não pode fornecer-nos os elementos de que necessitamos, para a realização do nosso programma.

Nós queremos e devemos ter um magazine feminino que rivalise com os melhores da Europa e poderemos tel-o com o concurso de dez ou doze mil assignantes. Ora para atingir este numero, basta que cada uma de nossas actuaes leitoras nos envie uma unica assignatura. Uma unica, attendam bem!

Como o preço de nossa assignatura annual é muito modico, não ha uma só das nossas leitoras, que não possa conceder-nos o auxilio que lhe pedimos.

Diariamente chegam-nos cartas e cartas de applausos e de encorajamento; quanto felizes seriamos nós, si cada uma dellas, viesse acompanhada de uma nova assignatura!

Toda a nossa anciedade é exclusivamente por melhorar a nossa Revista, augmentar-lhe o numero de paginas, ampliar-lhe as sessões, principalmente de modas e trabalhos, distribuir amostras e riscos — realizar enfim o que realizam todas as grandes publicações femininas do Velho Mundo.

Não pedimos e não queremos lucros; toda a renda que pudermos apurar será empregada em melhorar a Revista; é o que temos feito até hoje e quem cotejar um dos nossos primeiros numeros, com os actuaes, verá onde poderemos chegar si tivermos o apoio e o auxilio das nossas patricias.

Queremos fazer da nossa Revista a verdadeira e indispensavel leitura do lar e novamente pedimos, ás nossas generosas patricias, que nos enviem novas assignaturas e collaborrem assim connosco, para o triumpho de uma idea tão linda e tão nossa!

Virgínia de Souza Salles

D. Julia Lopes de Almeida

Publicamos hoje mais um trabalho inedito de uma das nossas mais brilhantes escriptoras, D. Julia Lopes de Almeida, cujo estylo purissimo e formoso, tem uma admiradora em cada uma de nossas leitoras. D. Julia Lopes de Almeida, a encantadora conteuse, a deliciosa auctora dramatica, a empolgante romancista, apresenta-se hoje ás leitoras da nossa Revista, sob um novo aspecto de seu espirito admiravel: — o de escriptora social. O artigo — A epoca das possibilidades

tensão do nosso esforço. E' porém um grupo relativamente pequeno e que apesar de toda a sua optima coadjvação, não pode fornecer-nos os elementos de que necessitamos, para a realização do nosso programma.

Nós queremos e devemos ter um magazine feminino que rivalise com os melhores da Europa e poderemos tel-o com o concurso de dez ou doze mil assignantes. Ora para atingir este numero, basta que cada uma de nossas actuaes leitoras nos envie uma unica assignatura. Uma unica, attendam bem!

Como o preço de nossa assignatura annual é muito modico, não ha uma só das nossas leitoras, que não possa conceder-nos o auxilio que lhe pedimos.

Diariamente chegam-nos cartas e cartas de applausos e de encorajamento; quanto felizes seriamos nós, si cada uma dellas, viesse acompanhada de uma nova assignatura!

Toda a nossa anciedade é exclusivamente por melhorar a nossa Revista, augmentar-lhe o numero de paginas, ampliar-lhe as sessões, principalmente de modas e trabalhos, distribuir amostras e riscos — realizar enfim o que realizam todas as grandes publicações femininas do Velho Mundo.

Não pedimos e não queremos lucros; toda a renda que pudermos apurar será empregada em melhorar a Revista; é o que temos feito até hoje e quem cotejar um dos nossos primeiros numeros, com os actuaes, verá onde poderemos chegar si tivermos o apoio e o auxilio das nossas patricias.

Queremos fazer da nossa Revista a verdadeira e indispensavel leitura do lar e novamente pedimos, ás nossas generosas patricias, que nos enviem novas assignaturas e collaborrem assim connosco, para o triumpho de uma idea tão linda e tão nossa!

Virgínia de Souza Salles

— com que D. Julia Lopes abrilhanta hoje as paginas de nossa Revista, é um estudo interessantissimo dos novos aspectos que vae assumir o feminismo, após a guerra europea. E' um artigo que vale por todo um volume e no qual, em linguagem clara e fluente, de uma deducção impecavel, a brilhante escriptora demonstra a evidencia, o papel que está reservado á mulher, na formação da sociedade futura. Agradecemos á nossa grande escriptora, mais esta prova de carinho que dá á nossa modesta Revista e recommendamos ás nossas leitoras, o seu artigo — A epoca das possibilidades

— com que D. Julia Lopes abrilhanta hoje as paginas de nossa Revista, é um estudo interessantissimo dos novos aspectos que vae assumir o feminismo, após a guerra europea. E' um artigo que vale por todo um volume e no qual, em linguagem clara e fluente, de uma deducção impecavel, a brilhante escriptora demonstra a evidencia, o papel que está reservado á mulher, na formação da sociedade futura. Agradecemos á nossa grande escriptora, mais esta prova de carinho que dá á nossa modesta Revista e recommendamos ás nossas leitoras, o seu artigo — A epoca das possibilidades

— com que D. Julia Lopes abrilhanta hoje as paginas de nossa Revista, é um estudo interessantissimo dos novos aspectos que vae assumir o feminismo, após a guerra europea. E' um artigo que vale por todo um volume e no qual, em linguagem clara e fluente, de uma deducção impecavel, a brilhante escriptora demonstra a evidencia, o papel que está reservado á mulher, na formação da sociedade futura. Agradecemos á nossa grande escriptora, mais esta prova de carinho que dá á nossa modesta Revista e recommendamos ás nossas leitoras, o seu artigo — A epoca das possibilidades

— com que D. Julia Lopes abrilhanta hoje as paginas de nossa Revista, é um estudo interessantissimo dos novos aspectos que vae assumir o feminismo, após a guerra europea. E' um artigo que vale por todo um volume e no qual, em linguagem clara e fluente, de uma deducção impecavel, a brilhante escriptora demonstra a evidencia, o papel que está reservado á mulher, na formação da sociedade futura. Agradecemos á nossa grande escriptora, mais esta prova de carinho que dá á nossa modesta Revista e recommendamos ás nossas leitoras, o seu artigo — A epoca das possibilidades

COMO ENFEITAR MINHA CASA

Escreve-nos uma de nossas assignantes:

«Entre os trabalhos interessantes de senhora, não é o «maqueado» o mais original, mas delle se podem tirar excellentes recursos de ornamentação. E' simples, necessita de pequeno material e não exige grande trabalho ou grandes aptidões artisticas.

O maqueado é feito sobre vidro e com elle se podem fazer fundos de bandejas, de cestos de costura, de porta-alfinetes ou porta-cartões, etc. Qualquer placa de vidro serve; deve-se procurar apenas um vidro bem liso e sem defeitos.

Escolhe-se o desenho, de preferencia um pouco mais largo para maior facilidade de execução e preferindo os que se possam executar em coloridos brilhantes, quando o fundo deva ser preto.

Colloca-se o desenho debaixo do vidro e passa-se para este com uma penna de escrever ou um pincel muito fino, de preferencia o pincel de marta de pellos longos, proprios para traços, que se molha em «verniz Japão». Este verniz, dum bello preto acastanhado, tendo por vezes tons dourados, é vulgarmente encontrado em qualquer drogaria.

Além do traço que contorna todo o desenho, devem fazer-se as nervuras da folhagem, o dar em todo o desenho esses pequenos traços que o embellezam e lhe dão vida.

Coloca-se ao direito, em sitio abrigado da poeira, e deixa-se secar.

Este trabalho apresenta as flores e ornamentos num colorido brilhante, metallico, sobre um fundo uniforme e baço, apenas com o brilho do vidro com que apparece revestido. Este fundo é ordinariamente preto ou muito escuro, mas pôde ser na cor que mais agrade; todavia o trabalho é mais facil e mais bonito sendo o fundo muito escuro.

O trabalho é feito em vidro e presta-se especialmente para tampos de mesa, tableiros, etc.

Estou actualmente trabalhando o maqueado para porta-retratos e os resultados que tenho obtido são lindissimos. O processo é o mesmo acima indicado: corta-se apenas o vidro, com um diamante de vidraceiro, na parte em que deve ficar a photographia.

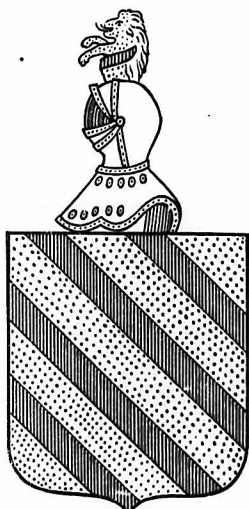
Na ultima exposição de trabalhos de minha escola concorri com tres trabalhos de maqueado: — Um porta-retratos, com a photographia da nossa professora, um porta-alfinetes, fundo em maqueado e lados em seda e a capa de um livro de missa, com uma reprodução sacra. Este ultimo trabalho mereceu um premio.

Chamo pois a attenção das leitoras da sua Revista para o maqueado, que está tão pouco vulgarizado entre nós. A. S.

Rua Palais Royal—Rua S. Bento, 72

Grande atelier de costuras. Vestidos phantazia e tailleur. Preços modicos

— Ivo Leite do Souza, entre cujos descendentes figura a família do dr. Antonio Ribeiro dos Santos; Brazem de Almeida, casado em Porto Feliz, com Antonio Joaquim Soares, em 1925, com as seguintes descendentes, Flora, Lauranno, Antonio e Pedro; ecl. Manuel Lopes de Oliveira e descendentes, entre os quaes, d. Candida Bueno Lopes de Azevedo, casada com o dr. José Vicente de Azevedo, baroneza da Baculita; os Cunha Lobo, de Mogy das Cruzes, de Conceição dos Guarulhos e de Mogymirim; dr. José Alvares dos Santos, de Cajuru; dr. Antonio Benedicto dos Santos Malheiros, de S. João da Boa Vista; Augusta Malheiros, casada com Arthur Puygari, que teve uma unica filha d. Carolina Puygari, professora normalista, residente em S. Paulo; os Cunha Pontes e Cunha Machado, de Mogy das Cruzes, de Nazaré, Conceição dos Guarulhos; os Bienes Corrêa e Lacundina, de Mogymirim, entre os quaes padre Antonio Camargo de Lacerda (vulgo padre Abel); a baroneza de Tiêti, entre cujos descendentes figuram Candido Justiniano da Silva, casado com Maria Ellis, filha do mellico melcor dr. Guilherme Ellis (o velho) e Maria, que foi casada com o dr. Joaquim Carlos e entre cujos filhos, contam-se os zephus do eel Serafim Leme da Silva, do dr. Iestus Villega e o dr. Heffim Carlos; o eon. Rodrigo Augusto da Silva e seus descendentes; toda a familia Ellis, entre cujos descendentes figuram as esposas do deputado federal dr. Palmeira Ripper, de Joaquim Kodovallor Leite, filho do eonle S. Joaquim, do dr. Getzvilano Machado, filho do barão de Brazilião Machado e d. Sophia Ellis, casada com o eel. João Baptista de Mello Oliveira, filho do visconde de Rio-Claro; os Cunha Bueno, de S. Paulo; d. Clara Maria Bueno, casada em segunda nupcias com o dr.



BRAZÃO DOS ARRUDA BOTELHO

Para esclarecimentos mais detalhados sobre a descendência dos Cunha Godeiro os leitores recorrer ao 5.º volume da genealogia Paulista, do dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme.

Continuamos a servir-nos da excelente obra do dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, (vol. 4.º) que assim se exprime sobre os Arruda Botelho: «A nobilíssima família Arruda, Botelho e Sampaio, remonta pelos seus quatro costados, a uma era remota, anterior mesmo à fundação da monarquia portuguesa. Anna Candida Ferraz e os filhos, as freiras do Itá: Alfredo Ferraz de Camargo, commissario em Santos; Os Ferraz de Arruda Campos; Iltia Ferraz, baronesa de Piracicatirim; os Xavier Ferraz, do Itá; d. Izolina Ferraz, casada com o dr. Adhemar de Mello; Francisco engenheiro da Prefeitura em S. Paulo; Dr. dr. Domingos Leolino Ferraz; os Ferraz de

Fazendas, Modas, Armarinho etc. Grandes descontos neste mez

Sobretudo de Arruda Botelho, é um dos troncos mais importantes desta nobre família. O fundador da linhagem foi o Sr. João de Quadros em 1616, e teve 13 filhos, em tantos se hiltronou com seu cunhado. Entre seus descendentes dignos de serem mencionados, temos: o Sr. João de Arruda, de Capivary; João Vaz Arruda do Amaraal, casou em 1638, em Sorocaba, com D. Maria de Albuquerque, filha de D. João, de onde resultaram os Vaz Amaraal e Amaraal Arruda; entram os Motta, pelo consorcio de D. Maria de Albuquerque com D. João de Motta N. Nogueira da Motta e em seguida os Motta Mello; formase o ramo Amaraal Motta, de onde resultaram os Motta Mello e os Motta de, Candido Motta; os Arruda Leite de Arruda e Sorocaba; do consorcio de Antonio de Arruda com D. Maria de Albuquerque, resultaram os Arruda Campos; do consorcio de Maria da Gloria com Augusto Rolim, formouse o ramo Rolim, casado com D. Maria de Arruda Rolim, casada com Josino Loureiro de Almeida, de que resultaram os Rolim Loureiro e em seguida os Rolim de, Isabel de Arruda Botelho, de Iti e de que se casou duas vezes, adiveram os Leite de Campos, de Arruda Botelho, de Iti e de que se casou com o Sr. Toledio Piza; os Arruda Botelho, de Botuava; os Pires de Almeida e Pires Correa, de Botuava; os Pires Correa, de Botuava, casou em segunda nupcias com Anna Delmeia Fleury e deu assim entrada aos Fleury, de Botuava, e os Fleury, de Botuava, os descendentes do dr. José Pires Fleury, de Luiz, Etelvina, Rosa, Augusta e Zoraida Fleury, de Botuava, e os Fleury, de Botuava, de Simão de Arruda, são: — Os Arruda de Porto Feliz e Sorocaba; os descendentes do Sr. Antonio de Arruda Botelho, de Sorocador de S. Carlos; o conde do Pinhal e seus filios, entre os quizes o dr. Carlos Botelho, de Sorocaba, e o Sr. Carlos Botelho, de Firmão Pinto, de Carlos Arruda Botelho, casando com a filha do barão Ataliba Nogueira, de uma familia de nobres de Sorocaba. O Sr. Manoel Botelho, secretario do Estado; Ju aldino os Botelho Lancha resultantes do consorcio de Antonio Botelho, com a filha do Sr. Antonio Botelho, de Sorocaba; Cassinelli, pelo consorcio de J. Maria Botelho, com o dr. David Cassinelli; os descendentes do Sr. Antonio Botelho, de Sorocaba, e os Botelho, de Sorocaba.

guinte, descendência : os Almolda Campos, de Ith, os Campos Barros, os Campos Mello, de Porto Feliz ; os descendentes do dr. Antonio Campos Mello ; os Mello Almada (são em pequeno numero) ; os descendentes de Maria Candida Mello de Jatti.

Para maiores esclarecimentos sobre tão nobre linhagem recommendamos a excellente obra do dr. Lulz Gonzaga, que se occupa em 185 pags. da familia Arruda Botelho.

Em campo de ouro, quatro bandas vermelhas; timbre um leão de ouro nascente bandado de vermelho. (Vide gravura: para explicação do desenho consulte-se a Revista Feminina de Marco p. p.)

Minha amiga,

meus amigos, os cuidados das minhas crenças,
me confirmam esse triste facto que
me encontra dilacerada e fraca. Avistando
hoje flos alvamente desmaiadas, vejo
o meu mundo abastellado pajuante e ricos
que nos mihiutunas umhudas nos can-
tos dos meus olhos amedendados. A minha
bocca fresca e rozada como uma flor
primavera, decachio nos cantos, empallide-
cei, fanou-se como uma rosa doce, e
toda eu, desde o meu corpo esbelto até à
minha alma energica e entusiasta, prostra-
rou-se, dobrou-se, sem força vital para sus-
tentar-se. O véu cor de rosa que envolvia
o meu mundo, tornou-se cinzento e frio
da vida, rompiu-se, escancarou-se, e eu
vejo o mundo, como me vejo a mim; fiavel-
mente, sem interesse agredavel nem sur-
presas amáveis. Tenho muitas vezes a im-
pressão de que habito um mundo diferente,
fallo lingua diversa e penso de modo ex-
tranho aos que me rodeiam. Elles não
encontram nos meus olhos a illusão alegre
que a esperanza faz nascer nem na minha
face o rubor que a paixão produz. Os
olhos do meu olhar é frio e triste por-
que não exerga coiza alguma que de ir-
radiação ou calor e a minha face, onde o
colorido morreu, tomou, por seu turno, a
dureza e a amarelledão do marfim. E a
morte em vida, sem ter conseguido o que
ella dá: o repouso, a serenidade, o mys-
terio... Não carinho dos meus e mesmo
não olhar dos indifferentes, tanto piedade
pela minha belleza peripada, pelo meu
corpo de mulher compadecida, pela melancolia
colla que todos os meus traços, a curvada
dos meus hombros e a nonchalance da
meu andar denotam e sublinham. Se pu-
dessem ver então as celluldas do meu cor-

O terror da morte nunca me torturo-
mo o da decrepitude porque não conheço
maior mal do que sentir-se o cora-
ção vazio de entusiasmo e de esperanças,
o corpo abandonado de forças e ter o cere-
bro cheio de angústia, o rosto riscado de
rugas e as mãos tremulas da fraqueza da
velhice! Envelhecer é precisar de todos
os outros, não os olhos dos mocos e dos robustos
e desmedir que o inverno da vida implanta
nódoas e que, involuntariamente, brilha num
pequena chamma de ironia. Sim: é como
se assistíssemos de olhos abertos no nosso
próprio enterro e perscrutássemos, por um

A resignação é o bálsamo que conforta dando-lhe a coragem necessária para suportar a vida quando a morte é o seu único remédio.

Tua amiga
Magdalena.
Chrysanthème.

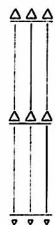
Revista do Brasil. — Temos sobre a nossa mesa o II numero da *Revista do Brasil*, que se edita nesta Capital sob a brilhante direcção dos drs. L. P. Barreto, Julio de Mesquita, Alfredo Pujol, Plinio Barretto, e Pinheiro Junior.

O seu corpo de colaboradores conta com quasi todos os grandes nomes litterarios e scientificos do Brazil e a *Revista* só publica trabalhos ineditos, o que lhe duplica o valor

Felicidades especialmente aos nossos colegas Pinheiro Junior e Plinio Barreto, que são a alma da Revista pelo sucesso integral da sua linda criação.

Au Palais Royal—Rua S. Bento, 72

Confecções e roupas brancas por preços reduzidíssimos



(TRICALCICAS)

ANTES DO MAIS: As pastilhas Americanas Tricalcicas do Dr. Malcolm não são uma panacea. Trata-se de um producto chimico definido cujos elementos principaes assim se decompõem (Ph H² O²) Ca (Ph O¹)² Ca³ adicionados de seivas vegetaes, estimulantes da funcção histologica e que lhe fornecem um outro elemento (Fe Cl³ H² O) vegetal e facilmente assimilavel, constituindo-se a forma global, além de principios aromaticos e fibrinosos com (Ph H² (H²)² Ca (Ph O¹)² Ca³ (Fe Cl³ H² O).

E' uma formula de calcificação intensa do organismo com absorção facilitada pela vehiculação das seivas vegetaes. Trata-se portanto de um medicamento de reaes resultados em todos os vicios de nutrição.

(Relatorio dos Drs. Fox e Campbell).

A cura tricalcica do Dr. Malcolm deve durar pelo menos dois mezes e é por este motivo que as suas pastilhas são entregues ao publico em tuhos de cem, o que naturalmente lhes eleva um pouco o preço, mas em compensação faz-se a cura sem necessidade de estar repetindo os pedidos de medicamentos.

Ha outros preparados que custam aparentemente menos; são porém vendidos muito de industria em pequenos vidros, que obrigam o doente a repetir a despesa cada semana. Demais as Pastilhas Malcolm não são um producto commercial no qual se sacrificam ás vezes certas exigencias de technica, para diminuir o preço. Trata-se de um producto medico, preparado com todo o escrupulo e que dá resultado.

Em todas as molestias de nutrição as nossas Pastilhas deverão ser empregadas: Rachitismo, má dentição de creanças, pernas tortas (das creanças) quasi sempre devido á fraqueza dos ossos, escrophulas, lymphatismo, etc.

Para o desenvolvimento dos seios as Pastilhas Malcolm são extraordinarias e temos em nosso poder centenas de attestados de senhoras que no cabo de dois mezes de tratamento tiveram resultado completo.

Muito uteis na convalescença das molestias debilitantes e para uso continuo das pessoas que se entregam a trabalhos cerebraes axhaurientes e que necessitem de phosphoro, bem como, para a fraqueza de qualquer outro orgão.

Durante o aleitamento as Pastilhas Malcolm são indispensaveis. Fornecem ao leite materno todos os elementos calcicos necessarios á formação do esqueleto da creança.

Preço: Tubo de 100 pastilhas, 20\$000; Tubo de 50 pastilhas, 11\$000; Em duzia, para droguitas, preços especiaes.

Dose: PARA ADULTOS. Começar por duas pastilhas a cada refeição durante a primeira semana e augmentar em seguida para tres. Para metade da dose acima.

PARA CRIANÇAS. Uma pastilha cada refeição; augmentar para duas ao fim de uma semana. Para creanças de menos de 4 annos começar por meia pastilha e continuar por uma.

Pedidos á Empresa Feminina Brasileira, — Alameda Glette, N.º 87 — S. PAULO

S. P. Mfg. Druggs Co.

Au Palais Royal—Rua S. Bento, 72

Consideraveis reduções durante a liquidação de Abril corrente

O QUE AS SENHORAS DEVEM SABER

No dia em que tão gentilmente me veio convidar, a senhora dona Virgínia de Souza Salles, para colaborar na "Revista Feminina" — tive eu desejo, apesar de ser um pessimo advogado, de tratar de defender logo no meu primeiro artigo, os maridos com tanta graça accusados pela encantadora senhora dona Belê de Mendonça Lima, n'uma chronica scintillante que publicou com o titulo: "O que os maridos devem saber."

Por certo, se todas as senhoras casadas fossem como aquella, que nos descreve a distincta escriptora patricia, que, de braços abertos e com um doce sorriso nos labios corre para o patamar da escada a receber o esposo quando lhe chega elle fatigado da Cidade, e, por todos os mecos carinhosos, procura fazer-lhe esquecer os dissabores que tivera lá fora, — ah! então, ser-me-ia penosissima a tarefa, com difficuldade preferiria a *grossa* defesa, — digo *grossa*, porque tambem em foga parte d'essa cédula doce-amarga, tão detestavel e ao mesmo tempo tão querida que se chama os maridos.

O curioso, ainda assim, é que não deixo de reconhecer, á senhora dona Belê, uma certa razão. Maridos, os ha, de facto, insupportaveis, irasciveis, que nunca estão contentes; sempre a se mostrarem animados; outros, por tal forma indifferentes, que só descobrem bellezas e virtudes na mulher, quando, por acaso, lhes chama um estranho a attenção, como acontece no "Ruisseau" de Pierre Wolff em que ha um personagem que diz ao outro:

— "Que lindos dentes tem a tua senhora!"

E elle admirado lhe responde:

— "Deveras?!"

Ao lulo d'isso, porém, quantos por ahí a fira não existem que são uns perfeitos anjos?! Eu, por exemplo, eu sou um anjo!

As senhoras não hereditam, bem sei. Riem-se! E no entanto, se perguntassem á minha mulher, ella não o negaria. Muitas vezes, ao chegar do trabalho, venho encontrála, a esperar-me no vestíbulo, com um lindo sorriso nos labios. Protesta-me ardentemente o seu amor e indaga pela encomenda que me fez:

— "Tu te não esqueste, não? Ah! se tu soubesses o quanto te quero!"

E bate palmas, salta-me ao pescoço quando lhe mostro que não me esqueci... Decididamente ella me adora!

Já não tem a mesma sorte o meu amigo Gumerindo? E elle coitado, é um tajo exactamente como eu!

A sua esposa é d'essas que têm cabellinhos nas ventas, — e os tem ás véras! Em solteira, era uma deliciosa creaturinha delgada, toda apertadinha no seu espartilho, elegante no andar, seductora no sorriso. Agora, porém, está enorme! Abandonouse logo depois de casada: não cuidou mais da toilette! Para que? Não conseguira ella o que desejava? Alii não está o Gumerindo?...

De parte, pois as massadas! E meida no seu peignoir, o collete esquecido ao fundo de uma gaveta, *prosse* a crear beaticamente as banhas, e tão barriguda se tornou, que lhe chamam perversamente as visinhas, — "a baleia do maior".

E que genio! Ah, Jesus, que genio tem ella!

Nos dias em que sopra o nordeste, então é um horror!... Faz scenas e mais scenas ao Gumerindo por dá ca uma palha.

Quando estiveram na Europa, para que se não desviasse elle do bom caminho, rogou-lhe ella uma praga. Havia de morrer de uma apoplexia se lhe fosse infiel. E, muito supersticioso, passou amedrontadamente o tolo, mecos e mezes em Paris, sem nunca ter visto de perto "falbalas janfreluchas et frivolités".

O cume isso, então, quantas horas de tedio não traz a "ménage" que poderiam viver felicissimos!...

Em Maloja, na Suíça, — nunca me heide esquecer! fui obrigado, uma occasião, a mudar de quarto, n'um hotel, por causa de um casal de inquilinos, meus visinhos.

Parecia uma nutroa a mulherzinha quando convivia

E tudo por quê? Unicamente, porque o risinho e o compertigado d' "arche", seu marido, tivera a simplicidade de achar graça e "zafura" a uma rapariga que, de solto, lhe dera um olhar brejeiro.

"No te hagas estúpida, mujer!" — era a resposta que lhe elle dava, com uma voz muito grossa, quando nervosamente a solgar, sotocava ella as lagrimas no traveseiro.

Não, minhas queridas leitoras, Molire mentiu, afirmando-vos que "*l'homme est un méchant animal*".

A meu ver não ha facto melhor, mais domesticavel que o homem! Tudo está em sabelo levar!

O vosso marido, quereis vós satisfazer, cultando e cantando como um catario?

Então, não vos mostreis muito exigentes nos tempos de agora. Tratae de não sobrecarregar demasiadamente as vossas contas na costureira!

Nada de de-leixos, bem entendido, como a mulher do Gumerindo, — isso não! Mas, tambem, nada de grandes "apuros na toilette", como a personagem da senhora dona Belê.

E, se quizerdes completar a vossa felicidade, o rumo, varre-o para sempre das vossas casas, dando de quanto em vez, ao vosso marido, um delinho de liberdade!

René Thiollier

(Villa Fortunata)



Dr. René Thiollier, nosso distincto collaborador

ALEGRIA

A MARIA

Inédito para a Revista Feminina

Sorries. Trêças na boca um sorriso... Sorriso?
Suspeita de sorriso, tamente disfarce:
sombra de alguém que riaba, e reia inteira;
astro a puzir, languidamente, a luz da dia;
santa que se esboga, santa a que vai abraçar,
de súbito, fulbre, tua alada alegria...

Ela está sempre assim, de seus abetos; eba
uma brece impetiva, e rida baldeando,
baldeada que sem espaço ao ar se lança,
que da plena quiete, passa, sem solavento,
na tua; e não se sabe, na rida espanta, quando
vai descer e passar, ou vai subir, mais alta.

E a sorriso desputa, E' riso. Estende a linha
da mancha, ignat il de um novo sorriso.
A cada canto sobra uma luzada curada.
Schillatle ao alto, froude aos dentes,
e entre illuminada, na pausa, a cada abeto,
como a alca de anjo eia das manhas tentapentes.

Como é linda a alegria tua li, como é divina,
esplendor mltico da saúde lmpetiva,
música eia a puzir de uma alma de mltico!
Nem molico, nem fcl, nem espanta de mltico;
é a alegria que sem como a puzir de mltico,
como a puzir de mltico, e a espanta de mltico.

Nem rês que lito, a sós, com a lito que me enaja:
que me alho que puzir em li, com abraço,
quasi surpresa oada appaçir hã mltico,
sob a rida reat - hã uma lito eia,
como a lito que puzir de mltico, eia mltico,
por lito das rades que a suppleir espanta.

E sorris, e sorris. Vaguetes puzir de mltico,
sob os lito que, a mltico, mltico mltico mltico,
debaixado. E sorris, como a puzir de mltico,
sem molico ao puzir de mltico, eia mltico,
e com os dentes lito, que sob os lito puzir de mltico,
eia mltico em lito mltico mltico mltico mltico.

E puzir, a sorris. Mas apaz a sorris
é a lito de que fcl, um como que a lito;
sombra de alguém que riaba e reia inteira;
puzir lito mltico mltico mltico mltico mltico;
eia que está a descer, puzir mltico mltico mltico mltico mltico;
um mltico mltico mltico mltico mltico mltico.

E em lito, mltico a sorris, lito mltico mltico mltico mltico mltico;
apaz mltico mltico mltico mltico mltico mltico;
E' lito a mltico; a puzir de mltico, lito mltico mltico mltico mltico mltico;
puzir de mltico mltico mltico mltico mltico mltico;
um a sorris lito - é a lito que mltico mltico mltico mltico mltico;
de uma casa descer e eia mltico mltico mltico mltico mltico.

1916.

AMADEU AMARAL.



ARTE RELIGIOSA



QUADRO DE RUBENS

JESUS-CHRISTO MORTO NOS BRAÇOS DA VIRGEM

A Magdalena beija a mão esquerda de Jesus, de outro lado são João Baptista contempla o rosto do Divino Redemptor

O EXEMPLO

CONTO INFANTIL

Damos a seguir um conto infantil de Booth Tarkington da revista norte-americana Cosmopolitan, que tem um milhão de exemplares; é uma adaptação ao português feita pela nossa distinta colaboradora d. Mary Evaristo.

PAPAI, eu quero! — insistiu o pequeno Ronaldo. — Eu quero, eu quero, eu quero!

— Não, senhor; já, disse! — respondeu o senhor Passos.

Pedrinho observava, atrás do tabique. Elle e Ronaldo haviam visto, pouco antes, numa vitrine, uma espingardinha de água; a ideia de possuí-la inflamou-lhes o cérebro; custava cinco mil e quinhentos; Pedrinho não podia obter aquelle dinheiro. Ronaldo, porém, primo de Pedrinho e que estava de hospede em casa delle, assegurou que arranjava o dinheiro. Voltaram para casa e encontraram o senhor Passos, pai de Ronaldo, a escrever umas cartas. Pedrinho ficou atrás do tabique; Ronaldo entrou; logo, ás primeiras palavras, o senhor Passos refugou:

— Que o deixasse em paz; tinha uma correspondencia grande a fazer.

— Eu sei, papai, mas a espingardinha...

— Oh, diabo de menino, você vae ou não vae embora?

Ronaldo mudou a voz, para em tom de gemido:

— Eu nunca tive uma espingardinha!

— Não quero que você brinque com espingarda; é uma coisa sempre perigosa.

— Mas é de água, papai, custa só cinco mil e...

— Não... não... e não...

... e quinhentos. Põe-se a água por cima, fecha-se e depois aperta-se o gatilho — crac! — e lá vai água, longe, longe...

Si eu tivesse a espingardinha e visse uma casa a queimar, corria com o Pedrinho e enquanto eu apagasse o fogo, com a minha espingardinha, o Pedrinho ia salvando a gente! E depois, não é, papai,

quando os bombeiros...

— Oh, menino, acabe com isso; deixe-me escrever.

— Não, papai, mas é que quando os bombeiros chegarem eu já apaguei o fogo e tudo com a minha espingardinha e si eu não tiver a espingardinha não posso apagar o fogo.

— Bom, chega, vá brincar com o Pedrinho e depois havemos de ver o negocio da espingarda.

— Agora, papai. São cinco mil, quinhentos...

Nenhuma palavra mais, diabinho! — gritou o sr. Passos.

— A coisa vae mal! — pensou Pedrinho. — Qual, a espingardinha não vem!

— Papaizinho! — gemeu Ronaldo.

— Menino!

— Papaizinho... o senhor me dá tres pratas de dois mil réis... eu troco o troco...

— Eu vou contar até dez e si você não fôr embora...

— Papaizinho.

— Um... dois...

— A es... p... in... gar... dinha! — soluçou Ronaldo.

— Tres... quatro...

— P... a... p... a... i!

— Cinco...

— Mil e qui... nhen... tos... só...

p... a... p... a... i...

— Seis e sete...

— Al... al... pa... p... a... i...

— Oh, não posso mais! Oito...

neve... E... u... que... ro...

— Olhe, menino, vou contar dez e então...

— Si você fosse meu filho eu dava a espingardinha para você! Ai... ai... ai...

— Oh, diabo de menino! Tome lá os cinco mil e quinhentos e não me amole mais...

Acabou o choro; num pulo Ronaldo ganhou a porta, arrastando Pedrinho na passagem. Em dois tempos estavam elles de posse da espingardinha.

— Eu disse a você que eu arranjara! E' assim que a gente faz... Você não faz assim?

— Si eu fizesse assim, papai me prendia até o dia seguinte.

— Qual! Experimente que você hade ver.

A espingardinha foi uma festa, mas uma festa só para Ronaldo; não conseguiu Pedrinho brincar com ella, nem meio segundo. A's suas instancias retorquia Ronaldo:

— A espingardinha não é sua. O dinheiro foi papai que deu.

Inutilmente Pedrinho obtemperara:

— Mas a água que você gasta para encher a espingardinha não é seu pai que paga...

Ronaldo era porém voluntarioso e absoluto; tudo para elle; nada para os outros. Não sómente não emprestou a espingardinha, como ainda fez diversas partidas ao seu amigo, durante o dia. Uma dellas foi arrebatá-lhe uma pamonha, que a cozinheira lhe havia dado e que Pedrinho, lá começa a comer; outra, en-

cher a espingardinha de água quente e dar um tiro no cachorro de Pedrinho; outra ainda, a de beber um copo de groselhas que Pedrinho preparara para o seu lunch; afora pequenas coisas mais. A' hora do jantar Pedrinho já não estava muito satisfeito com o seu hospede, amigo e primo; mas Ronaldo, quando ambos entravam no salão, disse-lhe em voz baixa:

— Eu vou cavar, para nós irmos aos cavallinhos!

— Nos cavallinhos? — interrogou Pedrinho radiante —

— Pois, então, papai, você dá os quatro mil réis; dois para mim; dois para o Pedrinho.

— Já disse que você não deve ir; não faça o menino malcreado.

— Oh, papai, eu preciso ir aos cavallinhos...

— Tome a sua sopa e...

— Hein! — pensou o Pedrinho. — Então o Ronaldo é engraçado! Comigo já me tinham dado dois cascos e quatro beliscões...

— Eu quero, papai...

— Menino, tome a sopa!

— São só quatro mil réis... dois para mim...

— Si você continha... — exclamou o sr. Passos, que começava a perder a paciência.

— ... e dois para o Pedrinho!

— ... eu faço você sair da mesa. O senhor me desculpe, seu Oliveira...

— Não ha de que...

Ora... ora... eu até lhe acho graça, ao pequeno...

— Acha graça?

— murmurou o Pedrinho, entre dentes

— Ah, si fosse eu!

— Papaizinho! —

soluçou Ronaldo e continuou, entre soluços: O... a... v...

a... i... i... n... ho...

— Olhe, menino, um... dois...

— Agora vai! — pensou Pedrinho.

— ... tres... quatro...

— Não, seu Passos, eu peço...

disse madame Oliveira.

— P... a... p... a... i...

Custa dois mil réis a entrada!

— Deixe commigo; você vae ver na mesa.

Logo que se sentaram á mesa, Ronaldo dirigiu-se ao sr. Passos:

— Papai, eu queria dois mil réis, para ir aos cavallinhos!

— Que idea é essa, meu filho — respondeu delicadamente o sr. Passos.

— Eu nunca fui aqui aos cavallinhos!

— Naturalmente; nós chegamos hoje pela manhã e é a primeira noite que aqui vamos passar.

— E' porisso mesmo, papai...

— Não; você vae deitar-se ás 8^{1/2}; precisamos deitar mais cedo, para descansar da viagem.

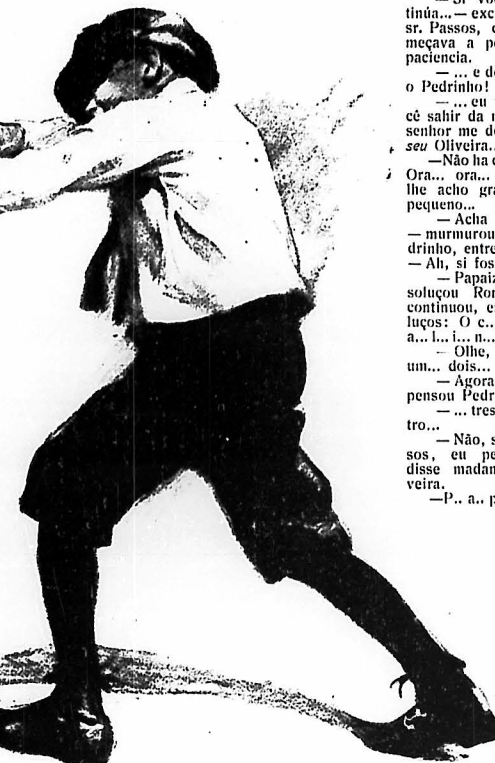
— Eu não estou cansado, papai; nem eu, nem o Pedrinho...

— O Pedrinho não fez viagem...

— Mas elle também quer ir aos cavallinhos.

— Si seu Oliveira deixar.

— Acho, que não devem ir! — respondeu o sr. Oliveira.



... encheu a espingardinha de água quente e deu um tiro no cachorro do Pedrinho...

— Não; você vae deitar-se ás 8^{1/2}; precisamos deitar mais cedo, para descansar da viagem.

— Eu não estou cansado, papai; nem eu, nem o Pedrinho...

— O Pedrinho não fez viagem...

— Mas elle também quer ir aos cavallinhos.

— Si seu Oliveira deixar.

— Acho, que não devem ir! — respondeu o sr. Oliveira.

— Não, papai, não tomo a sopa, si você...

— Ai, ai... já começa...

— E' que você não tem razão para não deixar a gente ir aos cavallinhos...

— Oh, menino, veja que você está de visita e está incommodando todo o mundo.

— Não, senhor, contestou madame Oliveira, o Ronaldo é muito engraçado!

Quatro...

— Minha senhora, desculpe-me, mas é preciso corrigir estes pequenos... cinco... seis...

— ... dois... p... a... r... a... mim...

— Seu Passos, não se zangue!

disse o sr. Oliveira.

— Não, mas não pode ser; a sopa a esfriar por causa deste fedelho...

sete... oito...

— Olhe, Ronaldo — disse conciliadamente a p. 22

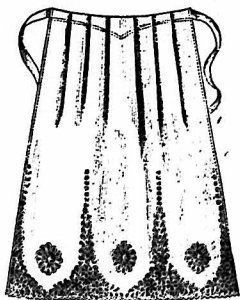
Continúa á p. 22

Trabalhos Femeninos

Damos hoje dois bellos de meza feitos em filé e deixamos de dar explicações para já ter anteriores a maneira de bem como diversas amostras precisarem de quaisquer promptas a

Avental bordado

A mesma fazenda, a mesma linha, bem como o desenho do abat-jour, serve para um avental que pode ser cortado, com 70 cent. de largura por 56 de comprimento. Faz-se uma estrieta bainha dos lados, e em cima na cintura 6 pregas para dar o ceito do corpo, tomase um cadarso de 5 cent. e posponha-se prendendo as pregas e as pontas passase um posponha para atar atraz o avental.



Centros de meza

Lindo modelo para abat-jour, com bordado a ponto de ilhé

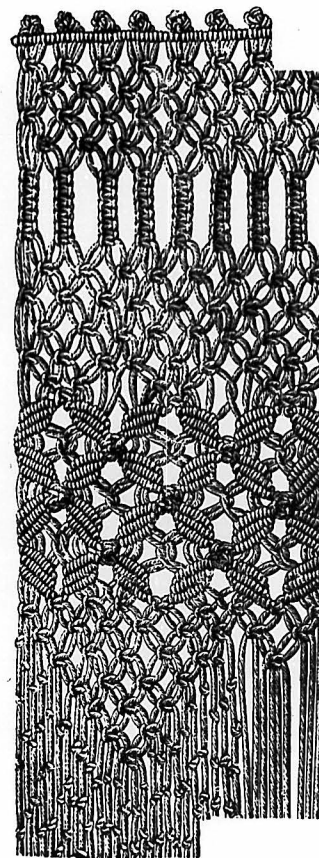
Nosso modelo é feito de cambraia branca muito fina, bordado a ponto de ilhé com algodão brilhante n. 35. Confecionase da seguinte maneira. Toma-se um pedaço de cambraia que tenha 33 cent. de comprimento solo 100 cent. de largura, destes cent. para fazer pontada; 1 cent. 70 posponha, correto, feito isto enfiase o fio e estica para ajustar pado. Passase o empregando o passase o abat-jour feita, tomase a fazenda que sobrar



Au Palais Royal—Rua S. Bento, 72

Grande e real liquidação durante o mez de Abril

Gravado n. 1

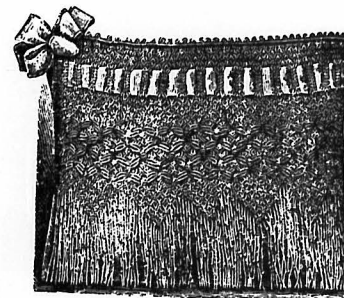


Detalhe da franja da almofada do nosso gravado

Gravado n. 2

Elegante almofada com longa franja trezada

Esta linda almofada de seda cor lilá mede 40X50 cm. e leva como enfeite uma longa franja trezada de linha cor-coru. Para o trezado que é sumamente facil de executar se requerem cordões de linha de 2^a met. de comprimento. Não sendo necessario mais explicação que o detalhe do tamanho reduzido de nosso

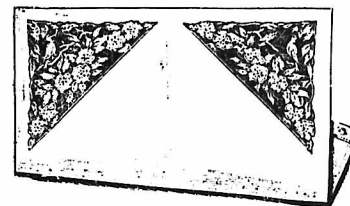


gravado n. 1 nos limitaremos a descrever só um dos lugares que compõem o trezado. Para cada lunar se fazem 3 nós duplos, tirase os dois cordões exteriores sobre o primeiro nó duplo, de baixo para cima e se fecha o lunar com um nó duplo. Concluido o trabalho se entrelaga uma fita de seda, cor lilá, conforme demonstra o nosso gravado.

Gravado n. 3

Almofada com esquinas bordadas ao ponto Richelieu

É um tipo desenho de grande effeito bordado ao ponto Richelieu a que apresentamos hoje ás nossas leitoras. Esta almofada pode ser feita com linha branco medindo 81 c. quadrados. Conforme se deprehe de clichê o bordado se executa na propria fazenda da almofada. Pode tambem bordarse as esquinas em pedaços de fazenda especial e colocal-as na almofada. O tamanho das esquinas é de 31 cm. nas bordas exteriores e o bordado



se executa com agulha de brilho. O bordado se começa fixando todas as linhas do desenho com pontos provisórios e executando ao mesmo tempo as cadentes que dão os diferentes risos e as aranhas. Depois se acaba o trabalho executando o desenho ao ponto festoico. Tenha-se sempre cuidado de fazer o festão para o lado onde se tem de recortar depois a fazenda. Este desenho presta-se tambem para um pequeno tapete quadrado.

AU PALAIS ROYAL

72 RUA S. BENTO, 72

Examinem as nossas exposições e verifiquem os nossos preços

A MODA

AS minhas gentis leitoras — calculo que pelo menos tenho duas leitoras — ao lerem as cinquenta ou sessenta linhas que mensalmente tenho que escrever sobre modas, não podem calcular os apuros em que eu me vejo, para lhes dizer qualquer coisa de novo sobre um assumpto, que neste momento de guerras e revoluções, pouco está interessando a humanidade.

Effectivamente nestes mezes que vão correndo as proprias senhoras estão mais preocupadas em saber si Verdun cede ou não cede passagem aos alemães, si Trebisonda deixa-se dominar pelos russos ou si a decantada Gorizia, que os telegrammas italianos ha dois mezes annunciavam que vão tomar, rendem-se ou não se rende.

Parece até uma infantilidade que neste momento grave para toda a humanidade preocupe-se alguém em conhecer exactamente a largura das saias, a espessura dos vãos ou qualquer outro dos pequenos detalhes, outr'ora encantadores, da *toilette* feminina. Eu já lhes disse em chronica anterior que ha um famigerado poeta parnasiano que me faz corte assidua e versos detestaveis; pois esse poeta, que ainda se obstina em usar cabelleira e a perfumar-se detestavelmente á Opopona X, encontrou-me outro dia, curvada sobre uma revista de modas.

Com a sua voz meliflua e o seu tom choramingas de eterno apaixonado, elle exclamou logo ao entrar:

— O que é que prende tão intensamente a sua galante attenção?

— Estava a ver nesta revista quaes as dimensões dos canhões — respondi-lhe eu.

— Do 412? — perguntou-me elle afflicto.

— Não; dos canhões dos casacos — contestei, tranquillizando-o.

Não imaginam as senhoras a saravada de improperios com que me fulminou o meu enamorado poeta, que não podia comprehendêr que houvésse alguém, que neste momento, se preocupasse com outra coisa que não fosse a guerra.

E bombardeou-me durante meia hora com os obus de Verdun, com os torpedos dos submarinos allemães e com as minas «gallegantes», como elle diz na sua linguagem sempre nova. Tão apaixonado está elle com a guerra e com a sorte dos aliados, que até suas declarações de amor, vem saturadas de melinite e de granadas de perdigotos.

— A senhora é uma praça forte, que se suppõe inexpugnável, dizia-me elle. Na tactica moderna porém eu voarei por sobre sua cabeça com os zepellins da minha phantasia e decretarei o bloqueio de seu coração, até que elle se renda exausto de munições e que não possa mais resistir aos obus da minha assiduidade.

Ahi tem as minhas caras leitoras ao que ficou reduzido um poeta enamorado e dos mais inoffensivos, numa epoca de guerra mundial!

Deixemos porem em paz o meu poeta e vejamos o que lhes posso dizer de novo sobre *toilettes*.

As saias pregueadas soffreram uma pequena modificação: dividem-se em oito partes, alternando os pannos pregueados com pannos lisos.

As mangas continuam lisas, alargando um pouquinho para baixo, e sempre unidas a cava fora do hombro, excepção feita dos «tailleurs».

Alguns vestidos trazem uma grande golla denominada 1830; outros são fechados até em cima com a golla virada completamente cerrada.

Para «égayer» o conhecido corte de forma, cujos folhos actualmente têm uma circunferencia de 5 m. e 80 cm. ideou-se uma bordadura pespontada com pellichas. Pede também substituir-se a pellicha por um galão. Mas uma das guarnições mais bonitas e que melhor condizem com os vestidos de seda, apesar da sua fragilidade é uma larga faixa de «moiré» collocada horizontalmente á altura da canella e bordada de um lado e outro com uma gaze de «tule» do mesmo tom.

E' preciso confessar que este entremêio, apesar da sua elegancia não contribue para fazer resahir o esbelto da silhueta; as senhoras que recebem parecer gordas procederão bem, renunciando a essas guarnições horizontes por mais «chics» e novas que sejam.



Modelo de SA SAISON

Vestido de drap, cinto, recorts e tiras de trilled, bordado á mão para pontinho de garças branco com botões de prata.

Talvez seja este o motivo que faz com que muitas voltem ás guarnições verticaes como se observa em alguns vestidos de «taffeta» e seda «liberty», cujas saias com numerosas prégas se adornam com cintas de pellicia do mesmo tom como se fôra uma fazenda ás riscas.

Entre os novos modelos appareceu um bem bonito com a «jaquette» de bordo solto, ajustada á frente por uma terminação ligeiramente em ponta. O collarinho é direito com «rabat» do mesmo tom um pouco vergado. Da cinta sahe um folho liso para deante e para traz, pregado nas ancas. A cinta desapareceu.

O folho em forma nas costas e afilado adante é recortado nos lados em forma de dente, enquadando uma especie de avental.

Os collarinhos mais modernos são formados por uma «collerette» de tule com velados sobrepostos que recobrem inteiramente o pescoço.

As mangas são guarnecidas amplas por um ou varios braçais que formam pequenas saliencias.

Nos vestidos «tailleurs» as mangas são a meudo apertadas por uma série de botões que chegam ao cotovelo. Esses botões são de aço, azeviche, setim, etc. Outras terminam em rendas ou bordos de pellicha.

No que concerne ás «toilettes» de noite, também predomina o velludo, só ou combinado com noire, riscado em duas côres, liso ou com relevo.

De Paris indicam como modelo de muito gosto a «toilette» de velludo negro: saia, com muita roda e corselet pendente dos hombros por meio de suspensorios sobre blusa de gaze amarello-palha, coberta de malha branca bordada.

O casaco semi-talhado abre bastante em baixo, tem bolsos com vista e fecha por uma dupla fila de botões.

O chapéo, enorme, de aba plana e côpa redonda armada, é forrado de velludo negro, com uma banda de seda ligeiramente enrugada em roda da côpa, um cordão de ouro em cima e outro na borda da aba.

Jacidos — E' extraordinaria a variedade, parecendo entre elles muitos de fabricação ingleza *Piele, adn*

e gabaruline, sarja, ottoman armure, seda gras-grain, velludo mousseline, velludo frappe, com risquinhos muito miudos, cachemira des índes, velludos collets, ou seja com uma especie de cartãozinho, o panno amazonas, o convescoat e lãs e sedas escocizas ou com riscos de diversos tons. O velludo com riscas muito miudinhas, por exemplo, preto sobre fundo castanho; ou preto sobre azul, verde sobre o preto, etc., mostram dispsições para um grande successo.

Toilette de visita e passeio em cachemira de seda azul marinho, velludo de tom mais claro, moire branca, applicações de passamanaria preta e bordados a vidrilhos.

Saia em cachemira de seda azul marinho bastante ampla e redonda na extremidade, onde forma largos «godets» aos lados e atrás, e terminada na frente por um avental liso com alto corselete.

Collete em «moire» branca, encruzando da direita para a esquerda e abrindo em V na parte inferior.

Grande «redingote» em velludo «miroir» muito fino, cercado na extremidade que se prolonga até cerca de quinze centimetros, da altura da saia, por applicações de passamanaria preta com franja de vidrilhos, abrindo gradualmente sobre o avental, a começar da parte superior do corselete, onde o corpinho é cortado em forma de quadrado e este bem como a cintura, guarnecido por um galão de passamanaria bordado a vidrilhos.

O corpinho da «redingote», que não é demasiado justo, encruza ligeiramente na parte superior do corselete, onde fecha por um pequeno excedente em feito de presilha, encimado por dous botões de passamanaria, abre em seguida gradualmente com estreito V sobre o collete de «moire», guarnecido aos lados da abertura por applicações de passamanaria e termina com uma pequena golla assas ampla e voltada.

Mangas não muito justas terminadas por um canhão voltado, guarnecido por applicações de passamanaria. Chapéo redondo, com copa baixa em seda branca e aba um pouco larga, em velludo preto, guarnecido por uma côr de rosas e botões de diversos tons.

Marinette.



Uma capa moderna

A Sciencia da Maternidade

Um dos problemas mais importantes da maternidade é o problema do aleitamento. Diz-se vulgarmente: «isto elle bebeu com o leite» e nesta synthese popular está encerrada toda a importancia do aleitamento.

Com o aleitamento pode-se beber, para a saúde, o *mens sana in corpore sano*; com o leite pode-se também beber o rachtismo, a fraquesa dos ossos, a pessima dentição, prenunciando um futuro miseravel, arras-

tado em meio de molestias e de dores.

Na maior parte desses ultimos casos a mãe deve ser accusada; durante o aleitamento ella não se preocupou de repousar, de alimentar-se bem e de principalmente enriquecer o seu leite com principios nutritivos e basicos para a formação do esqueleto da criança, do arcabouço sobre o qual a casa tinha que ser construida. Todos estes perigos ella teria evitado se tomasse cada dia quatro *Malcol's Tricolsic Pastilles*, nas quaes existem todos os elementos necessarios para

tornar o leite abundante, grosso, gorduroso e opulento de principios calcosos para a formação dos dentes e dos ossos. A Empresa Feminina Brasileira é a unica depositaria deste producto em São Paulo — Um vidro com 100 pastilhas: 20\$000. Idem com 50 pastilhas: 11\$500. Enviar o pedido e importancia. — Com quantia tão insignificante garantireis a formação perfeita do lindo bebê sobre o qual repousa o vosso olhar dedicado de mãe.

Empresa Feminina Brasileira Alameda Glette, 87. — São Paulo

Au Palais Royal — Rua S. Bento, 72

Optima occasião, neste mez, para a compra de enxovaes para noivas

dora a senhora Oliveira — Você não vai hoje, mas amanhã eu levo você e Pedrinho a passear na Antártica...

— M... as eu q... e... r... o ir no c... ava... li... nho...

— Ronaldo... novel... está ouvindo... vou contar dez e então...

— Si eu fosse seu pai eu mandava você no cavallinho!

Uma gargalhada do sr. e da senhora Oliveira, acolheu este ultimo argumento:

— Vá lá, tome lá, menino malcreado! — disse afinal o sr. Passos, tirando duas pratas, de dois mil réis do bolso. — E deixe-nos jantar em paz.

Oh, que pequeno!
— E o Pedrinho pôde ir também?
— Pôde... pôde... — respondeu o sr. Oliveira. — E' muito engraçado este seu pequeno!

No dia seguinte Pedrinho passeava pelo quintal quando ao chegar á cerca que dividia com a casa de uns pretos, seus vizinhos, deu com o Dito, um moleque baleiro, que tinha na mão uma tartaruguinha, com a qual brincava.

— Oh, Dito, onde que você achou essa beleza?

— Ah, isto... — disse o Dito, radiante. — E' uma tartaruguinha que eu cavei no mercado, com uma peixeira.

— Ella tinha mais?... tinha?... perguntou Pedrinho ansioso.

— Não, só tinha esta. Pedrinho pegou a tartaruga, e estiveram, elle e o Dito a brincar com ella, longos minutos.

— O que você vai fazer com ella? — perguntou Pedrinho.

— Eh! Vou deixar ella crescer e vou escrever com o canivete as mi-nhas iniciaes, em cima da casca. Quando ella crescer as letras vão crescendo.

— Você quer vender a tartaruga?

— Vendo... mas é cinco mil réis... perna...

— Está feito.

— Deixe vêr então o dinheiro.

— O dinheiro eu não tenho agora, mas eu vou arranjar; você espere uma meia hora, que eu vou buscar. E não ponha o seu nome, sabe? O meu é que ha de ir na casca da tartaruga... P. O. Pedro Oliveira.

E sahio Pedrinho a correr, em demanda da casa.

Encontrou o sr. Oliveira, prompto para sahir.

— Papai, eu queria cinco mil réis.

— Cinco mil réis! Você está maluco! Si eu ganhasse cinco mil réis com tanta facilidade.

— Eu preciso, papai...

— Para que quer você cinco mil réis?

— Para comprar uma tartaruga...

— Uma tartaruga?

— Uma tartaruguinha que o Dito tem...

— Não seja bobo, menino; para que quer você uma tartaruga?

— Eu ponho meu nome em cima da casca, P. O. e vai crescendo.

— Bom, até logo! — disse o sr. Oliveira, para sua esposa e quiz dirigit-se á porta.

Pedrinho, porém, seguindo o exemplo de Ronaldo, atirou-se-lhe aos pés, a soluçar:

— Papaizinho, são só cinco mil réis!

— Menino, não me suje as calças.

— E' que a tartaruga...

— Largue-me, menino!

— A t... a... r... t... a... r... uga!

— Você não me larga, menino?

— Eu quero... a tar... ta... ru... ga!

— Você está vendo o que são os exemplos? — disse o sr. Oliveira, voltando-se para sua esposa.

— São cin... co... mil... réis...

— Menino!

— O D... t... o...

— Menino ou você me larga esta perna...

— Si eu fosse seu pai eu dava...

O sr. Oliveira não quiz ouvir mais; agarrou o Pedrinho pelos hombros, carregou-o até um pequeno quarto que dava para a sala e lá deixou-o, fechado.

— Fique ahí agora, com os cinco mil réis e com a tartaruga, — disse o sr. Oliveira, dando a volta a chave e sahindo.

O Pedrinho ficou preso até as 4 horas, hora em que, a senhora Oliveira, entendeu por conta propria, deixou-o sahir.

Pedrinho sahio aos pulos e correu em direcção á casa do Dito a ver si encontrava ainda a tartaruga. Não encontrou a tartaruga, mas encontrou o Dito, que era mais preto que a tartaruga.

— A tartaruguinha, Dito?

— Eh, cancelé de esperar você; quando foi tres horas o Ronaldo appareceu aqui e quiz também comprar e disse que você estava preso e que não vinha mais.

— E você vendeu a elle?

— Também não. Elle pegou a tartaruga e foi fallar com o pai que estava alli, junto do tanque, a pescar.

O pai não quiz dar o dinheiro; elle fez um barulho muito grande e então o pai começou a contar: Um...

dois...

— Já sei... já sei... disse Pedrinho a rir... quando chegou a nove deu-lhe...

— Isso mesmo; deu-lhe um pescoço?

— Um pescoço!

— Sim, um pescoço e disse: — Agora, não tem gente de fora, meu cachorrinho! Tome lá pela espingarda, pelos cavallinhos e pela tartaruga!

— E a tartaruga?

— A tartaruga, com o safanão, cahiu na beira do tanque, bateu numa pedra e foi para o fundo. O Ronaldo sahio correndo e o pai me deu os cinco mil réis! Aqui estão!

UM NOVO PREMIO



A nossa distincta collaboradora d. Albina Pires de Campos que, como muitas outras senhoras brasileiras, se interessa entusiasticamente pela nossa publicação, enviou-nos o interessante enigma acima e offerece uma assignatura annual da nossa Revista, á primeira senhora que nos enviar a deci-

fração do enigma acima. E' mais uma gentileza da nossa distincta collaboradora, que agradecemos penhoradas e que deve servir de exemplo ás nossas leitoras, para a propaganda da nossa Revista, que tanto interessa ao nosso sexo.

Àu Palais Royal—Rua S. Bento, 72

Tem tudo o que ha de mais fino e vende pelos preços mais modicos possiveis

CARIDADE FEMININA

(QUADROS DA GUERRA)

Naquella manhã, como de costume, M. Béchard, no seu pequeno armazem, dirigia os tres adolescentes que, depois da guerra, compunham todo o seu pessoal.

Era um homem de face gorda e cabellos brancos, tão alto, grosso, forte violento que parecia surprehendente que a sua vida se houvesse escoado a vender mercadorias para os habitantes de Mont-rouge.

De repente levantou elle a cabeça, viu que do penulo do relógio dependurado á parede marcava 9 horas menos 25 minutos e começou a bater sobre o balcão, furioso.

Sua filha Suzana que, segundo o vigoroso emprego de tempo que elle lhe havia fixado, devia passar pela loja antes de occupar o seu cargo de dactylographa, estava com dez minutos de atraso.

Béchard não supportava inexactidão. Sahindo pela porta do fundo dirigiu-se para a escada da casa. Nesse momento ouviu a voz da filha no alto da escada.

— Que fazes ahí? gritou elle.

Uma menina de dezesseis annos, tão linda parecia illuminar a escada com os seus cabellos loiros, olhos azues e talhe puro, conversava com um garoto, mal vestido.

A' voz de seu pai ella surprehendeu-se.

— E' o Victor — gritou.

— Bom dia, Sr. Béchard exclamou o garoto, vivamente. E' Mlle. Béchard que me estava pedindo noticias da mamã, que se machucou...

Béchard, sem olhar Victor, interrompeu vivamente:

— Vai para o teu armazem, Suzana — ordenou elle...

Algo furiosamente os hombros e entrou para os seus aposentos. Suzana rubra de vergonha, estava já em baixo.

Até logo, Sr. Béchard, disse Victor, cada vez mais amavel. Vendo que a porta se fechava bruscamente, subiu a escada em direcção ao segundo andar, onde morava.

Béchard, em sua casa, tendo fechado a porta, batia com os dedos sobre a mesa de jantar. Era despotico. O menor incidente o offendia. Sua mulher soffrera tanto que fallecera ao dar á luz a filha. A filha, por sua vez, submetta-a a uma autoridade sem limite e tolerancia.

A perspectiva, imposta por elle, de casar ella com um primo que aborrecia, quando tivesse vinte annos, obscurcia-lhe sinistramente o futuro.

Sempre colérico, sentou-se e começou a pensar. A sua filha estava louca. O que a levava a conversar, ella, a filha de um commerciante respeitavel, com esse pequeno vadio? Por que se interessava Suzana, tão

pequena ainda, por elle, apezar da sua prohibição? Que teriam elles para dizer? Béchard fazia-se cada vez mais colérico. Lembrava-se que a menina, á distancia. Victor, que estava ao canto da rua, viu-o sahir. Compreendeu rapidamente a situação e poz a seguil-o por sua vez com circumspecção, procurando estratagemas para deter o drama que se preparava, não osando prevenir Suzana com o receio de tornar em certeza o que talvez não passasse de uma suspeita no espirito de Béchard.

Suzana caminhava rapidamente, sem olhar para ninguém. Eram 2 horas quando chegou a Luxembourg. Alguns instantes depois, o carro parou, mas uma discussão com o cocheiro a proposito do preço da corrida demorou Béchard. Sua filha havia desaparecido no jardim quando elle entrou, seguido por Victor. Este, que tinha um gosto muito vivo pelas historias de Peaux-Rouges, empregava, para dissimular a sua marcha, recordações lidas das suas leituras. Mão grato a sua angustia sincera, aquillo lhe dava prazer.

O jardim estava encantador na sua doçura brumosa de uma manhã meiga ainda. Béchard, fatigado a suando, percorria as alamedas. Subito, tendo torneado um massico, surprehendeu-se abrindo muito os olhos.

A um canto viu sua filha perto de um homem. Béchard, porém, estava aturdido.

O homem era um soldado ferido. Apoiava o seu alto corpo numa bengala; o seu braço direito estava enroscado em pannos e outro panno lhe envolvia a cabeça. Parecia que não soffria. Olhava para Suzana, que a seu lado caminhava de vagar, tendo para elle um sorriso meigo, e timido que o tornava mais feliz ainda.

Caminhavam na direcção de Béchard, que tinha os olhos somente para elles.

Estava parado. A sua colera dava-lhe vertigens. A sua falta de poder para agir comprehendeu-a immediatamente. Existiam — confusamente para elle — outras cousas ha muito tempo esquecidas; no mundo existia também a indulgencia, que permite a confiança, a ternura, que não culpavel, e outros sonhos e deveres que nos impõem. As suas mãos se desceram; seu olhar torna menos duro e uma vaga doçura, que podia talvez ser da emoção, dissipava a colera da sua physionomia. Sem comprehender claramente o que approva, quando a sua filha e o ferido passaram, escondeu-se, dissimulou-se e deixou-os passar sem olhar.

Passos ligeiros fizeram-se ouvir por detraz d'elle e uma mão pousou-se sobre o seu braço. Voltou-se e reconheceu Victor.

— Hein, Sr. Béchard — Victor tinha um sorriso misturado de enternecimento e troça — hein! não ha nada que dizer...

Frederico Buiet.

Àu Palais Royal—Rua S. Bento, 72

Prefiram esta acreditada casa, si quizerem fazer boas compras

A BELLEZA FEMININA

Nossos colaboradores

Todas as senhoras cuidam dos cabelos; poucas cuidam das sobrancelhas e das pestanas. Quanto se pode obter no entanto, para o realce de um rosto feminino, com cuidados methodicos quanto a ellas!

As pestanas longas e sedosas correm immensamente para a formosura dos olhos.

Deve haver, portanto, o maximo cuidado na conservação deste esplendido ornamento natural. Tratam-se as pestanas da mesma forma que se tratam os cabelos, mas deve-se evitar reviralas e submettelas a tratamentos que não sejam de reconhecida efficacia, porque as pestanas são poucas e necessario é poupal-as. Deve-se evitar o contacto das loções e cosmeticos que servem para a pelle. Antes de pensar em accentuar a cor e a espessura das sobrancelhas e das pestanas, é preciso começar por certificar-se da efficacia dos productos usados para tal fim, não se fiando no primeiro que apparece fortemente asoprado pelas trombetas da fama—fama adquirida nos reclamos, mais ou menos engenhosos, pagos a tanto a linha.

E quando se achar algum pequenino segredo que haja o dom de conservar o brilho e a abundancia desse protector dos olhos e auxiliar poderoso da sua belleza, guardal-o bem, não o trocar por outro, não fazer innovações, isso é que é preciso. Ha muito que aconselho a cortar as pestanas, para as fazer crescer com mais força. Só é aconselhavel fazel-o quando estiverem espigadas—o que acontece algumas vezes.

Não se deve usar pomadas pretas, lapís, "kolen", etc. Além de tornarem o olhar feio, com uma expressão antipathica e dura, estragam as pestanas e as sobrancelhas—apesar destas ultimas serem mais fortes do que as primeiras.

Póde-se indicar um tratamento simples e approved pelos melhores hygienistas de belleza:

De manha, depois da lavagem do rosto, escovar as sobrancelhas e alisar-as na direcção normal.

Sendo louras e pretendendo obter o seu escurecimento, embeber a escova em chá preto bastante forte.

Se têm falta de brilho, é conveniente pôr-lhes muito levemente, glicerina e agua.

PARA TINGIR OS CABELLOS

Podemus annunciar ás nossas leitoras que, com grandes esforços, conseguimos obter uma nova remessa de PÉTALINA, o admiravel e inoffensivo preparado, que tão grande successo está fazendo em todo o Mundo e que dá ao cabelo uma linda cor, desde o castanho claro, até o negro azulado. Os pedidos devem ser acompanhados da importancia de Rs. 10\$000, inclusive 200 reis para a despesa do correio.

Mais uma linda produção inedita de Amadeu do Amaral offerecemos hoje ás nossas leitoras.

Amadeu Amaral é o principe dos nossos poetas moços; é um estro de deliciosa phantasia posto ao serviço de uma alma carinhosa e meiga; não ha talvez nenhuma de nossas leitoras que não o conheça, que não o admire, que não, tenha sentido uma de suas dores ou de suas alegrias, vasa da nos seus versos profundamente humanos.

E' com grande prazer, com enorme orgulho, que a nossa Revista conta, entre seus colaboradores, o nome do brilhante poeta paulista.

Egal orgulho devem ter as nossas leitoras com o successo integral da nossa Revista que dia a dia reúne ao redor da sua iniciativa os nomes dos mais festejados de nossos artistas, entre os quaes, Olavo Bilac, Coelho Netto, Felinto de Almeida, D. Julia Lopes de Almeida, Felix Pacheco, Garcia Redondo, Claudio de Souza, João Luso, Julio Cesar da Silva, D. Presciliana Duarte, Anna Rita Malheiros, Amadeu Amaral, etc., etc.

Deixa de sahir neste numero, por haver chegado tarde, um lindo trabalho de D. Presciliana Duarte de Almeida, a nossa incomparavel poetisa. E' um regalo com que as nossas leitoras poderão contar no proximo numero.

— D. Bêbé de Mendonça Lima, a deliciosa escriptora patricia, estreou em nossa Revista, com seu interessantissimo trabalho *O que os maridos devem saber*, que foi uma das chronicas de maior successo de nossa Revista e que foi transcripta por jornaes de S. Paulo, de Santos, do Rio e dos Estados, e que provocou uma quantidade enorme de cartas e cartões, á nossa joven e modestissima collaboradora e o artigo que hyper publicamos, do dr. René Thiollier.

A instancias nossas e não pequenas D. Bêbé enviou-nos um outro trabalho—As virtudes de meu marido...—com interessantes illustrações. No nosso proximo numero encontrarão as nossas leitoras a nova e espiroituosa chronista e nossa distincta collaboradora.

CASA DOLIVARES

(Fundada em 1880)

J. Azevedo & C. proprietarios da casa Dolivares, concessionarios das loterias do Estado de S. Paulo e sub-agentes das loterias Federaes continuam a encargar-se de enviar aos cambistas do interior e a quem remessa de bilhetes destas duas loterias. Tem sempre á venda loterias com grande antecedencia e attendem aos pedidos com a maxima promptidão.

Os pedidos de fora devem ser dirigidos a J. AZEVEDO & COMP.

10 — rua Direita, 10 — Caixa, 26

S. PAULO

Au Palais Royal—Rua S. Bento, 72

Durante este mez liquidamos todo o nosso sortimento por preços abaixo do custo

O que as moças solteiras devem saber.

O que ellas sabem.

As moças devem aprender a conhecer sua importancia neste mundo. A obra da mulher; o seu valor para a familia, para a communidade, para a nação e para a raça.

Quando as vejo no meio das suas amigas, quando considero os seus rostos felizes e ouço os seus risos juvenes e a sua alegre chilreada, pergunto a mim mesma se uma só de entre ellas saberá qual é o seu valor!

Ouçô já as suas rapidas respostas: « Não temos dinheiro nos bancos; não possuímos domínios; não representamos por conseguinte nenhum valor! »

Não é que possuem mas o que são que determina o que valem. Uma pessoa pode ser muito rica e não ter valor.

Não é na velhice que se terá valor para este mundo; é agora na juventude, enquanto se collocam os fundamentos do caracter, que se tem uma grande importancia, porque é da boa factura que depende a solidez e a estabilidade de todo o edificio.

A obra das mulheres no mundo consiste no emprego das forças mais bellas, as que contribuem para formar homens e mulheres.

Pensando nisso poderão ellas agora responder a minha pergunta. Qual é o vosso valor para vós proprias, e para o vosso lar? Quanto valeis para o Estado, para a patria, para a sociedade em que viveis?

Podem reconhecer o que valem no seu lar verificando o que auxilio prestam a seus paes.

Podem calcular o seu valor para o Estado considerando quanto elle gasta para a instrução das moças, e quantos homens e mulheres de grande valor consagram o melhor de sua vida para as instruir. Não podem medir o seu valor para a raça humana antes de começarem a pensar que as moças de hoje pela sua saúde ou pela sua fraqueza physica se tornam uma fonte de força ou de fraqueza para as gerações futuras tornando-se mães.

E' bom que as moças pensem no casamento e na maternidade, se o fizerem de uma maneira sensata.

Desejo pois, que aprendam a respeitar-se a si proprias e a conhecerem a sua importancia para sentirem quanto são necessarias. O mais pequeno parafuso pode ser duma importancia tal, na construção de uma maquina, que a sua perda produz a paragem completa de seu funcionamento.

Começas agora a conhecer o vosso valor e a reconhecer que a conduta da vossa vida como moças é um factor duma importancia immensa para o grande problema da evolução da raça humana? Reflecti nisso! 2.

O QUE UMA BOA DONA DE CASA DEVE SABER

CONTINUAÇÃO

Algumas observações.

Quando uma dona de casa não tiver no seu lar, pessoal sufficiente para servir a mesa tratará de compensar essa falta, mandando vir quansquer serviços, que supplementarmente a ajudem a manter a boa ordem e pontualidade no serviço.

A unica maneira comoda de servir, é fazer circular os pratos em roda da mesa, por um creado.

Porém quando se tem só uma creada, é impossivel a esta, velar ao mesmo tempo pelo fogo, mudar e fazer passar os pratos.

N'este caso a dona de casa se encarregará do serviço da mesa. Servirá á comida passando o prato, depois de servido a cada conviva que por seu turno lhe entregará, em troca o prato vazio.

Quando não se tenha creada se procurará executar alguns pratos de vespéra deixando de lado os molhos e frituras de ultima hora.

Para nos servirmos devemos esperar que a dona de casa se haja assentado, fazendo da nossa parte, tanto quanto possível, por simplificar o seu trabalho, que é em verdade bastante difficil.

O papel da donza de casa.

A dona de casa incumbe attender a tudo e tudo examinar nas minimas minucias que como veremos não são poucas.

As mesas quadradas tem, por quasi toda a parte preterido o uso das mesas ovais; aquellas porem tem um inconveniente: necessitar que seja destinado nas cabeceiras da mesa o lugar dos convidados a quem se quer dar o lugar de honra.

Para obstar a esse inconveniente, adoptou-se um systema de mesas quadradas, com prolongamentos arredondados.

Noutros tempos a toilette da dona de casa era mais simples que o das suas convidadas; este costume porem não prevaleceu, e actualmente em nada difere o traje da dona de casa, a não ser em que, esta não deve calçar luvás.

Convidar alguém para a nossa mesa equivale a encarregar-nos de prover á sua felicidade durante o tempo em que esteja sob o nosso tecto.

Não se deve insistir com os convidados obrigando-os a comer ou beber assim, se o convidado beber agua, não devemos temar em offerecer-lhe vinho, mas offerecer-lhe-hemos agua mineral.

De resto em toda a mesa bem posta a agua mineral substitue a agua ordinaria.

O que se deve observar durante a refeição

Durante a refeição ha mil preceitos a observar; é nella que se conhece, desde logo, qual é o homem de sociedade e qual o que não é.

Quando ha um numero consideravel de creados são elles quem approximam e retiram as cadeiras onde os convidados devem sentar-se. Do contrario é o cavalheiro que se encarrega de se servir, tendo

o cuidado de não se sentar enquanto não se sente á senhora que lhe está no lado.

Deve-se descalçar as luvás e mettel-as na algibeira; se ha menu escripto devemos passar sobre elle os olhos e collocar a direita do nosso prato. O guardanapo devemos-o estender sobre os joelhos sem o desdobrar-mos completamente; os guardanapos devem combinar com a cor da toalha.

A sopa é immediatamente servida nos pratos; havendo duas sopas, o serviço deve chegar junto aos convidados, e dizer baixinho os nomes d'ellas devendo o convidado, em resposta, designar a que mais lhe agrade.

Não se deve encher demasiadamente o prato, assim como não se deve entortá-lo e muito menos levantar-o para receber as ultimas parcelas de sopa, nem tão pouco migrar pã dentro della ou deitar-lhe dentro vinho o que seria positivamente um horror.

Após darmos de tomar a sopa devemos depór a colher no prato.

O crendo da mesa levará não só o prato da sopa, mas tambem aquelle que estiver por debaixo do mesmo.

Após cada serviço os pratos são retirados um por um, o creado leva um prato servido, substituindo-o immediatamente por outro limpo, vae a mesa das sobras depor o prato que já serviu, e volta trazendo um outro limpo, a outro conviva.

Para mudar os pratos não ha ordem de precedencia. Muda-se logo que se veja que a pessoa acabou de comer.

Os pratos offerecem-se pela esquerda e servem-se trinchados e com o seu conteúdo disposto artisticamente.

Em geral cada prato faz-se circular duas vezes.

Parce-nos inutil recomendar, aqui pois o caso deve ser do dominio de toda a gente que não devemos fazer escollas miuiclosas, da parte que para nós queremos tomar, do conteúdo dos pratos que nos são apresentados, assim como nos não devemos servir muito abundantemente, nem inundar o prato em que comemos de caldo ou de molho.

O pão parte-se, não se corta, e não se deve deixar dentado. A carne vae-se cortando á medida que se vae comendo. Algumas pessoas comem sustendo o garfo na mão esquerda; outras cortam a comida, e a cada bocadinho pousam a faca, fazendo passar o garfo da mão esquerda para a direita. A faca não deve nunca levar-se a boca. O copo nunca deve encher-se por completo.

A conversação póde ser geral, sem que por este facto se interrompam as conversações particulares que se estabelecem nos diversos pontos da mesa. N'esses apartes, não se deve fazer critica do jantar nem das pessoas, facto que seria particularmente odioso. A mesa falla-se de todas as questões, sobre tudo de cousas alegres, a maior parte das vezes de theatro dos ultimos acontecimentos, das modas, de um livro ultimamente publicado ou que se leu.

O MENU DE MEU MARIDO

Sopa allemã

Prepara-se um bom caldo e com a seguinte massa faz-se com duas colheres umas bolinhas que se pinga no caldo bem quente o deixa-se cozinhar bem 1 gemma de ovo, meia colher de manteiga, uma pitada de noz moscada, sal; mexe-se bem para juntar uma clara batida e uma colher mais ou menos de farinha de trigo.

Carurú bahiano

1 prato fundo cheio de quilabo cortado em rodinhas, vae cozinhar em bastante agua e sal, estando bem molle amassa-se um pouco. Um kilo de camarões frescos ou uma lata do mesmo bem temperado com todos os chieiros, ensopa-se bem; estando bem molle mistura-se com o quilabo, bastante pimenta, azeite d'ende e engrossa-se com farinha de mandioca.

Faz-se um angú de fubá mimoso e sal, bem cozido, despeja-se em uma forma, estando frio, vira-se; serve-se com o carurú.

Pudim de maçãs

6 latas de pão, 2 colheres de manteiga, 2 colheres bem cheias de assucar, 4 ovos, canella, passas, 1 xícara de maça (4 frutas) 1 colher de vinho do Porto, raspa de um limão verde. Amalõe-se o pão em leite frio. Põe-se a manteiga ao fogo quando bem quente, juntase o pão, mexendo sempre. Tirase do fogo, juntase as gemmas, o assucar, canella, passas e por ultimo as 4 claras batidas em neve. As maças devem ser cortadas em fatias e deixadas no vinho.

Arranja-se em forma untada com manteiga uma camada de massa, uma de maça até assucar. Cozinha-se em banho maria ou no forno.

Creme com morangos

1 garrafa de leite fervido com baunilha, deixa-se esfriar para adoçar bem.

De outra parte devem estar derratiados 12 papéis de gelatina em uma xícara grande d'agua (derrete-se ao fogo) quando morre mistura-se ao leite e mais alguns morangos bem amassados para dar cor rosada.

Em forma bem exata põe-se um pouco de creme, deixa-se gelar; espalha-se alguns morangos e põe-se mais um pouco de creme, assim se vae fazendo uma pilha até o fim. Rodena-se a forma com gelo.

Alguns segredos de cozinha

Diz-se communmente que a gallinha velha é a que dá melhor caldo; é um aphorismo culinário absolutamente falso. Nada de bom se pode esperar de uma ave velha, seja ella qual for.

O frango ainda novo é o que dá maior satisfação no paladar e melhor digestão no estomago. Para se conhecer a idade do frango, basta examinar-lhe a espessura das patas e do pecego. O frango novo tem as patas e o pecego bastante grossos; com o tempo elles se vão tornando mais finos. Apertando-se entre dois dedos a ponta da patinha e a espinhella, si a carne for tenra, pade-se comprar sem risco o frango, que elle é ainda novo e excellent.

Quanto aos pomboes é necessario que a carne do filet seja de um vermelho claro, pois quando o pombo é velho o filet torna-se arroxeado e as patas muito finas.

Para salgar os legumes.—O sal deve ser misturado aos legumes, um quarto de hora antes de serem servidos. E' má pratica juntar o sal logo que se os põe a cozinhar, porque elles se tornam asperos e duros.

Para cozinhar a carne de vaca.—O methodo mais simples para cozinhar si a carne está prompta para sahir do fogo, isto é, si está sufficientemente cozida ou não, é cozinha-la com o d'leito. (Para a gallinha e as aves em geral deve-se abertura na escaça. Si a carne estiver no ponto deve cozinhar no d'leito, sem nenhuma resistencia.)

J. AZEVEDO

Especialidade em mobílias de couro

Castellões - Olga - Gioconda e Luiz XV são os melhores cigarros

É CHEGADA A HORA

... de comprar terrenos na CRISE para os vender daqui a um anno, na ALTA, quando terminar a guerra... Os melhores terrenos, os mais vendáveis e mais baratos de S. Paulo são os da

VILLA POMPEIA

Situados na Agua Branca, desde a Avenida, cortando o Parque Antarctica. A Villa Pompeia tem uma area de um milhão e trezentos mil metros quadrados dividida em 17 ruas e uma grande avenida que parte da linha de bonds do Parque Antarctica e se dirige para a Avenida Municipal fechando o grande circuito futuro de avenidas, do largo do Rosario ao largo S. Francisco: — Avenidas S. João, Agua Branca, Pompeia, Municipal, Paulista e Luiz Antonio. São terrenos de valorização fatal; fica no amago dos grandes melhoramentos da Capital.

Em 18 mezes vendemos oitocentos mil metros!

Acaba de ser instalado ao alto da Villa Pompeia o grande reservatorio das aguas da Cotia. Dentro de alguns mezes a Villa Pompeia estará abastecida com a melhor agua potavel da Capital e é sabido a valorização dos terrenos abastecidos d'agua.

Porque V. não compra terrenos na Villa Pompeia?

PORQUE NÃO TEM DINHEIRO? Nós emprestamos o dinheiro, pois vendemos os terrenos em lotes, SEM JUROS, a prazo muito largo, com qualquer prestação mensal. E' um negocio ideal; o terreno valoriza-se dia a dia, vai portanto ganhando juros porque aumenta de valor e V. o vai pagando sem juros, aos bocadinhos... Quer V. negocio mais inteligente? S. Paulo cresce espontaneamente. Antes de cinco annos terá o dobro da população. Com a guerra européa e a miséria subsequente a imigração aumentará. A nossa crise é toda de momento; a pujança de S. Paulo será sempre victoriosa. E' no momento de crise que se fazem os bons negocios. Não ha em S. Paulo nenhum terreno dos que são annunciados em prestações, que se possa comparar aos terrenos da Villa Pompeia.

Para informações; Na Companhia Urbana Predial

Escritorio: Largo da Sé, 3 (sobre-loja)

CASA LEBRE

BRINQUEDOS

PERFUMARIAS

O MELHOR SORTIMENTO

AMYRIS O SABONETE IDEAL

A venda em toda a parte

Nos toucadores elegantes

Entre os productos que devem figurar no toucador de uma mulher elegante recomendamos muito especialmente o creme *Dermina*, ultima palavra, em materia de creme para amaciar a pelle e para curar infalivelmente todas as erupções de pelle, as espinhas, os cravos, as manchas vermelhas do nariz e mesmo o eczema, psoriasis e todas as erupções. Só em premios a *Revista Feminina* já distribuiu mais de seiscentos potes de *Dermina* e chegam-nos diariamente attestados entusiasticos de sua efficacia. —Podemos enviar ás nossas leitoras, por 3\$500um pote. Os pedidos deverão vir acompanhados da respectiva importância, accrescida de 500 reis para porte do Correio. Empresa Feminina Brasileira. Alameda Gl'ite, 87, S. Paulo.



Agua de Colonia GRANADO

—: O perfume favorito das damas. A melhor para o banho e o toucador.

O VICIO DE ROER AS UNHAS

Temos em mãos neste momento um excelente preparado, da Mig. Drugs S. Paulo C., para evitar o vicio de roer as unhas, que é muito commun nas creanças e sempre prejudicial, provocando lesões no estomago e casos frequentes de appendicite com morte em 24 horas.

Quem vê uma linda creança, com os dedinhos postos na bocca cor de rosa, roendo as unhas, não imagina muitas vezes os perigos a que ella se expõe e cuja responsabilidade cabe ás mães imprevidentes e descuidadas. Por um accordo com a *Manufacturing Co.*, podemos aceitar os pedidos das nossas leitoras, ao preço de 5\$500 o vidro de livre porte.

ADALUIS

O mais elegante livro sobre cozinha até hoje publicado.

Contem grande copia de receitas de cozinha, doces, licores etc. todas experimentadas e muito praticas.

Elegante livrinho util a toda a dona de casa e de grande proveito para as moças.

Preço 1000 Réis

Remettam essa importancia em sellos do correio com o seu endereço, a *Empresa Feminina Brasileira* Alameda Gl'ite, 87, São Paulo — e immediatamente será expedido o Adaluis.

POOCK

Marcas preferidas

CIGARRILHOS HAVANEZES

EUGENIA

ESCUDO

OLGA

os melhores charutos no mercado

COMMERCIAL

BISMARCK

CECILIA

CECY

Receitas de Toilette

Para evitar o mau cheiro da transpiração

Não pode haver nada de mais martirizante para uma senhora elegante do que uma exalação impura qualquer, por exemplo, o mau cheiro da transpiração, que é impossível esconder, principalmente num baile, numa partida de tennis ou em qualquer sport. Toda a belleza, toda a graça, todo o encanto da mulher, desaparecem de cho-fre; todo o veu de sonho que a aureolava, toda a phantasia em que o olhar embevecido do homem a envolvia fundem-se á rajada cruel... A culpa exclusiva porém é da mulher. E' simplicissimo evitar e eliminar de vez o suor excessivo ou o seu mau cheiro; basta usar o *Helios*, que custa relativamente barato e que sendo um pó, (como o pó do arroz) as senhoras podem usar com facilidade. O resultado é tão extraordinario que, a pedido de muitas das nossas leitoras, fizemos vir de Paris, uma nova remessa de *Helios*, que não se encontra á venda no Brasil — e remetteremos pelo correio a quem nos solicitar ao preço de 6\$000 e mais 500 réis para porte do correio. O preço do *Helios* como de todos os preparados estrangeiros, subiu muito, devido á guerra.

GUERRA ÁS MOSCAS

Os mosquitos, alem de incommodos, são perigosos. Transmittem varias molestias, entre ellas a febre amarella, o impaludismo e a lepra. Os mosquitos se criam nas aguas paradas, onde as fêmeas depois de picar os animaes e o homem, depositam os ovos. Devemos guerrear os mosquitos, não só matando-os, como fumega do pó de pyrethro, como tambem suprimindo todas as aguas paradas onde elles põem ovos. As aguas que não puderem ser removidas como as de ralos, exgotos, etc. deverão ser petralhadas, com 10 grammas de kerozene por metro quadrado, todas as semanas.

CASA GENIN

Especialidade em artigos para trabalhos de senhoras: para bordar; para crochet; tricot; filat, macramé, lacet, frivolité, inhanduty (Tennerite). Artigos para confecção de flores artificiaes. Machinas para bordar e todos os aviamentos para trabalhar com as mesmas. Bastidores redondos, de quadro, de collo, com pés, de todos os tamanhos, lãs e linhas de todas as qualidades e grossuras, torções de seda e de algodão e mercerizadas, sedas para bordar, lavavel e de Algor, talagarras de todas as qualidades, etamines, setins, pellicias, veludos, linhos etc.

Papel de seda branco e de cores. Papéis crespos, dourados, prateados, pergaminhos cartonados e de Bristol.

Riscos para qualquer trabalho, acham-se sempre promptos e fazem-se de encomenda bem como lettras e monogrammas. Aviam-se encomendas para o interior.

Genin & Filho

RUA 15 DE NOVEMBRO, 8-A — S. PAULO

Telephone 1009

Caixa Postal 204





Pasta dentifricia GRANADO

A melhor para alvejar e
conservar os DENTES



GUDERIN

é actualmente o remedio mais eficaz para o tratamento da ANEMIA e Chlorose, AMENORRHEIA e Flores Brancas, DYSMENORRHEIA ou falta da menstruação, HEMORRAGIAS depois do parto, ESCROFULAS, OPTILACAO ou amarelidão, IMPALUDISMO e Malaria, NEURASTHENIA e outras molestias causadas pela FORTREZA OU VICIO DE SANGUE.

É o remedio que couvem ás jovens durante o periodo do seu desenvolvimento. o seu effecto é sempre seguro. Cuidado com as falsificações e as imitações?

O nosso preparado é conhecido pelo nome de "GUDERIN" que está registrado em todos os tribunales do commercio. Foi examinado e approvado pela Directoria Geral do Saude da Republica do Rio de Janeiro.

"Guderin" dá Força e Vida

É o remedio soberano para combater a ANEMIA e a FRAQUEZA. Em poucas semanas produz um augmento do numero de GLOBULOS VERMELHOS DO SANGUE, assim como do PESO DO CORPO!!!

Numerosas experiencias feitas em diversos hospitais da Alemanha confirmam este resultado.

Regenera o Sangue e fortalece os Nervos

O GUDERIN deve ser preferido aos outros remedios porque: 1. É um licor agradável ao paladar; 2. É de facil assimilação; 3. Pode ser usado pelos velhos e pelas crianças; 4. Não constipa o ventre; 5. Não prejudica os dentes; 6. É, finalmente, de effecto sempre certo em todas as molestias em que é indicado.

Remette-se gratis o prospecto explicativo com attestados de medicos e doentes que o têm usado. Unicos fabricantes e proprietarios: Alfred Gude & Cia., fabrica de productos chimicos, Berlin, Alemanha.

Unicos depositarios para o Brazil: Queiroz & Cia. - S. PAULO

AGUA INGLEZA

TONICA FEBRIFUGA E APPERITIVA

GRANADO

INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,
IMPALUDISMO E CONVALESCENÇAS

**EXIJAM A
NOSSA MARCA
RECUSEM AS IMITAÇÕES**

Indicador da Revista

Dr. DESIDERIO STAPLER
Ex-substituto da Polyclinica Geral em Vienna Ex-
chefe da clinica dos hospitais. Cirurgião do Hos-
pital da Beneficencia Portuguesa de São Paulo.
operador. Molestias de senhoras.

CONSULTORIO
N. 4, Rua Barão de Itapetininga N. 4
De 1 ás 3 horas da tarde. TELEPHONE 1.407

DRA. CASIMIRA LOUREIRO
Especialista pelos hospitais de Paris. Gynecolo-
gia, Partos e operações.
Consultorio: Rua José Bonifácio, 32. Teleph. 3929
das 13 ás 15 horas.

Res. Avenida Hygienopolis, 18 — Telephone, 912

Dr. J. FOGAÇA DE ALMEIDA
Medico — Operador — Parteiro
Rua Arouche N. 7, 9 ás 11 e ás 3

CUNHA CABRAL & Cia.
Rua de S. Bento, 35 — SÃO PAULO
Caixa do Correio, 666
Vidros, Molduras, Papeis pintados, Espelhos, Ta-
petes e Capachos

CASA DOLIVAES
AGENCIA DAS LOTERIAS DE SÃO PAULO E DA
CAPITAL FEDERAL.
Os pedidos do interior, deverão ser dirigidos a
J. Azevedo & Cia. Casa Dolivaes R. Direita, 10
SÃO PAULO

FRANCISCO SCHULZ
Tapeçaria e Fabrica de Venezianas. — Officina
de Armador, Estofador e Tapeçeiro. — Rua Santa
Ephigenia, 9 (Perlo do Viaducto) S. Paulo. —
Telephone, 1723

MONTE PIO DA FAMILIA
Sociedade de Seguros Mutuos Auctorizada pelo
Decreto N. 7852 do Governo Federal a funcionar
na Republica.

Peculios pagos até 15 de Julho de 1915 4.301.0823
A primeira sociedade no Brazil que realizou o
supremo ideal em seguros de vida, pagando aos
herdeiros do socio fallecido qualquer que seja o
numero de socios inscriptos na data do falleci-
mento, o peculio de Rs. 30.000\$000

Séde: RUA QUINTINO BOCAIYUVA No. 4-B
Esquina da Rua Direita
Caixa Postal N. 550 SÃO PAULO

DRS. CHOUERI
Cirurgiões-Dentistas
Gabinetes - Rua 15 de Novembro, 40 A
Telephone, 64

MOLESTIAS CONTAGIOSAS

A Directoria do Serviço Sanitario faz publico
que são molestias de notificação, compulsoria: a
varíola; a escarlatina; a peste; a choleria; a febre
amarella; a difteria; a infecção puerperal; a op-
thalmia dos recém-nascidos nas maternidades; o
typho e as febres typhoides e paratyphicas; a tu-
berculose aberta; a lepra ulcerada; o impaludis-
mo; a aniklostomiasis; o trachoma e a conjuncti-
vite purulenta; a dysenteria; a coqueluche, sar-
ampo e a parotidite nos collegios, asylos e habi-
tações collectivas; a meningite cerebro-espinha-
epidémica.

São obrigados a esta notificação: a) o medico
chamado para prestar cuidados ao enfermo; b) o
proprietario responsavel pelo predio de habitação
collectiva; c) o director o chefe do estabeleci-
mento, fabrica, collegio ou asylo onde estiver o
doente; d) o chefe da familia; e) o parente mais
proximo que residir com o enfermo; f) o enfer-
meiro ou o encarregado do enfermo mais proximo.

O secretario,
JOAQUIM R. TEIXEIRA.

Manufatura de Roupas

para

Senhoras e Creanças

Jorge Bassila,

Rua Florencio de Abreu, 62

Caixa Postal, 706

Telephone, 3284

São Paulo

CASA BARUEL

Rua Direita, 1 — Largo da Sé, 2
SÃO PAULO

As senhoras, e senhoritas que dese-
jem manter sua cutis em perpetuo es-
tado de juventude, não devem esquecer
que em nossa Secção especial de Per-
fumarias, ha os mais finos e modernos
Cremes, Cold-Cremes, Leites, Ceras,
Loções diversas e de toda especie de
productos para Maquillage. Outrosim,
recommendamos o nosso variado sor-
timento de Pomadas, Pós, Cosmetics.
Vernizes e liquidos diversos para o
tratamento completo de "Manecure",

BARUEL & CIA.

GUERRA AS MOSCAS
A mosca é o mais perigoso dos insectos
transmite alem de outras molestias, a tubercu-
lose, a febre typhoides, a gastro enterite das cre-
anças. Devemos impedir a entrada das moscas
nas nossas casas, resguardando dellas os alimen-
tos e as vasilhas que os contém. As moscas cri-
am-se nos monturos, nas estrumeiras e dalli vêm
para as casas. Si suprimirmos os monturos, se
fizermos reinar o maior asseio em todas as de-
pendencias das nossas casas, em todos os terre-
nos, as moscas desaparecerão, não encontrando
onde possam deitar os ovos e crear as larvas.

Automoveis FIAT

MAGNUM LIMOUSINE 35/45 HP.

O interior d'esta carruagem é um elegante
e commodo salãozinho, onde seis pessoas per-
feitamente accomodadas podem prolongar o en-
canto de seu «home» e continuar a reunião sem
mesmo necessitarem levantar a voz, tão silen-
cioso é o automovel. Como pedras preciosas no
seu guarda-joias, as senhoras elegantes des-
pertam a admiração do publico a travez do
qual desfilam, rapidas como apparções celestinas.

Automoveis FIAT

de todos os typos para PASSEIO,
TOURISMO, etc.

AGENTES GERAES:

Comp. Mechanica Importadora
de São Paulo

S. PAULO, Rua 15 de Novembro, 36—Telephone, 244
Caixa do Correio, 51-End. Telegraphico: Mechanica

Atelier de Photogravura
GUILHERME WESSEL
Rua do Guayanaes No. 155
TELEPHONE, 4310 SÃO PAULO

Executa-se com maior esmero
e maxima promptidão qualquer
trabalho em zincographia,
photogravura ou trichromia
para obras scientificas, cata-
logos e revistas illustradas.
Trabalho garantido, feito pelos processos
mais modernos.

CASAS VASIAS

Todas as casas, de S. Paulo, antes de rece-
ber novos occupantes devem ser desinfectadas.
Si vos mudardes para uma casa que não te-
nhades recebido o beneficio da desinfecção, vos ar-
riscaes a contrahir molestias contagiosas, pois
ignoraes qual sempre a saude dos que viverem
nella antes de vós. O Serviço Sanitario de São
Paulo vos informará sempre, com segurança, si a
casa que pretendeis foi desinfectada.

Accessorios para AUTOMOVEIS
PNEUMATICOS "MICHELIN"

Gazolina e Oleos.
Carga de Accumuladores.
Rua Barão de Itapetininga, 18

TELEPHONE, 694

ANEMIA — NEURASTHENIA —
FRAQUEZA — CHLOROSE
DEBILIDADE
E
TUBERCULOSE
MEDICAÇÃO
SEM RIVAL
CAPSULAS DE OLEO DE
CAPIVARA DE SILVA ARAUJO

COMPANHIA INICIADORA PREDIAL

Sociedade Mutuaria de Construções
Empreza de Credito Real Hypothecario

Capital Social Rs. 3.000:000\$000 — Fundada no anno 1908

SEDE - Escritorio Technico e Contabilidade:
RUA DA BOA VISTA N. 26 (1. andar) - S. PAULO

Esta empreza é a unica deste genero que tem mantido um funcionamento continuo progressivo, com o seu capital social actualmente garantido pelo dobro do seu valor em contractos hypothecarios, produzindo sempre um divendo uniforme.

DIRECTORIA: Dr. F. Vergueiro Steidel, Dr. F. P.
Ramos de Azevedo, Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho
Gerente Technico: Dr. Ricardo Severo, Chefe de
Contabilidade: Raul Coelho

TINOÇO MACHADO & CIA.

SÃO PAULO

RUA LIBERO BADARO' 52 (1. andar) - Telephone. 3558

Unicos agentes neste Estado das superiores **VELAS**:

Brasileiras

Pequenas

Ypiranga

Colombo

Paulista

Bicho

Cia. Luz Stearica
do Rio de Janeiro



- LA SAISON -
- (A ESTAÇÃO) -
HENRIQUE BAMBERG

RUA LIBERO BADARÓ NO. 113
TELEPHONE, 1013 - CAIXA, 113

- - - SÃO PAULO - - -

GRANDE OFFICINA DE COSTU-
RAS DE VESTIDOS PARA
SENHORAS E MENINAS

TEM SEMPRE UM BONITO E GRANDE
SORTIMENTO DE FAZENDAS, ARMARINHO,
ENFEITES E MODAS. — ACCEITAMOS
ENCOMENDAS DO INTERIOR E PARA MEDI-
DA E' SUFFICIENTE MANDAR UM CORPINHO.

TRABALHOS GARANTIDOS E PREÇOS
MODICOS

Cha' Laxativo Brasileiro

Laxante, desobstruente, tonico,
diuretico, carminativo e depu-
rativo.

E' um preparado de gosto muito agra-
davel, que vem sendo preparado ha
muitos annos e substitue com bem
melhor vantagem os chás laxativos
que nos vem do extrangeiro.

E' de preparação mais recente e en-
tram na sua composição preciosas
plantas da Flora Brasileira de pro-
vadas virtudes nas doenças em que
o chá é aconselhado.

O "Chá Laxativo Brasileiro" com-
bate não só a atonia gastro-intestinal,
como as erupções cutaneas de fundo
arthritico ou syphilitico, remoçando a
pele, que se torna macia e rosada,
pois o "Chá Laxativo Brasileiro"
depura maravilhosamente o sangue,
e por tal razão cura ulceras, dathros,
impigens, echzemas, furunculos etc.
Sempre que haja embaraço gastrico,
cabeça pesada, tonturas, zumbido de
ouvidos, má disposição para o traba-
lho, nervosismo, falta de appetite, do-
res de estomago, dores de cadeiras,
digestões penosas hemorroides e tan-
tas outras perturbações da saude, o
"Chá Laxativo Brasileiro" póde ser
usado uma e mais vezes até que to-
das as funcções se mantenham em
equilibrio.

Uma dose, tomada á noite, ao deitar
provoca na manhã seguinte uma e-
vacuação facil, sem collicas, deixando
a pessoa bem disposta.

A' venda em todas as
PHARMACIAS E DROGARIAS
e nos depositarios:
LAVES & RIBEIRO
Drogaria YPIRANGA
RUA LIBERO BADARO, 112
SÃO PAULO

COMPANHIA NACIONAL DE TECIDOS DE JUTA

FIACÃO E TECELAGEM
FABRICA em SANT'ANNA

ANIAGENS - - - - SACCARIA
TAPETES - - LONA BRANCA

Lona de côres para colchão, etc. Fios de JUTA
simples ou torcidos, de qualquer grossura ---

ESCRITÓRIO:

RUA ALVARES PENTEADO No. 24

Caixa Postal N. 342 :: Telephone N. 872

Endereço Telegraphico: "JUTA" - S. PAULO

Codigos: Particular, Ribeiro, A. B. C. 4. e 5. Edição, A. 1.

S. PAULO :—: BRASIL

SÓ

E' CALVO QUEM QUER
PERDE O CABELO QUEM QUER
TEM BARBA FALHADA QUEM QUER
TEM CASPA QUEM QUER

☐ Porque o
PILOGENIO

Faz nascer novos cabelos, impede a
sua queda, faz vir uma barba forte e sa-
da e faz desaparecer completamente a
caspa e quaisquer parasitas da cabeça,
barba e sobrancelhas. Numerosos casos de
curas em pessoas conhecidas, provam a sua completa efficacia.

BEXIGA, RINS, PROSTATA, URETHRA

A UROFORMINA GRANULADA de Giffoni é um precioso diuretico e antiseptico dos rins, da bexiga, da urethra e dos
intestinos. Dissolve o acido urico e os uratos. Por isso é ella empregada sempre com feliz resultado nas influencia renal,
cystites, pyelites, nephrites, urethritides chronicas, inflamação da prostata, catharro da bexiga, typho abdo-
minal, uremia, diathese urica, aréas, calculos, etc. — A' venda em todos os Estados e no

Deposito: Drogaria Francisco Giffoni & C. — Rua 1.º de Março, 17 — Rio de Janeiro

PÓ DE ARROZ BIJOU



E' O PO' DA ACTUALIDADE
Ultima creação da Perfumaria

AMBRA

PREÇO 1\$500

Este	Quem lava seus dentes com MONOPOL faz um grande beneficio para os mesmos visto que e reconhecido como o melhor especifico para conservar os e para desinfetar a bocca C Vidro Grande	Hygienico
dentrificio		e
deve-se usar		Agradavel
sempre		



O PERFUME DA ARISTOCRACIA

VENDE-SE EM TODAS AS
BOAS DROGARIAS

Curiosidades Literarias

Consta que os livros mais edita-
dos do mundo são: «A Cabana do Pae
Thomaz» e o «D. Quixote de la Man-
cha». O que porém bateu verdadeira-
mente o record das edições foi o

„Livro da Fortuna”

Quem quizer possuir um exem-
plar, gratuitamente, envie este annun-
cio para a

Caixa Postal, 412 - SÃO PAULO

juntando um sello de 100 réis para o
porte, que receberá pela volta do cor-
reio.

Machinas e Accessorios

Para senhores industriaes

Tornamos publico que as nossas officinas de
fundição geral, mecanica, calderaria, modelagem, car-
pintaria mecanica, etc. estão completamente montadas,
com os mais modernos appparelhos, e estamos habili-
tados a attender á fabricação de machinas diversas,
tornos mecanicos, seus accessorios, etc.

A difficuldade de importação desse material
hoje e o alto preço porque pode agora chegar, col-
locam os snrs. industriaes em embaraços que as nos-
sas officinas podem facilmente remover.

MARTINS & BARROS

ENGENHEIROS, INDUSTRIAES E
IMPORTADORES

Officinas: Rua Lopes de Oliveira No. 2

Escriptorio: Rua da Boa Vista No. 46

Endereço Telegraphico: «PROGREIOR»

Caixa do Correio No. 6

— SÃO PAULO —



Cabeça de velha breia do distinto pintor patriota **Mário Barboza**, por cujo trabalho recebeu uma carta de elogios do senador **Gustave Riuet**, relator das Bellas Artes em Paris. Em íntima camaradagem, o grande artista americano **Fitz Geraldo** brinda ao seu amigo **Mário Barboza** por tão feliz acontecimento